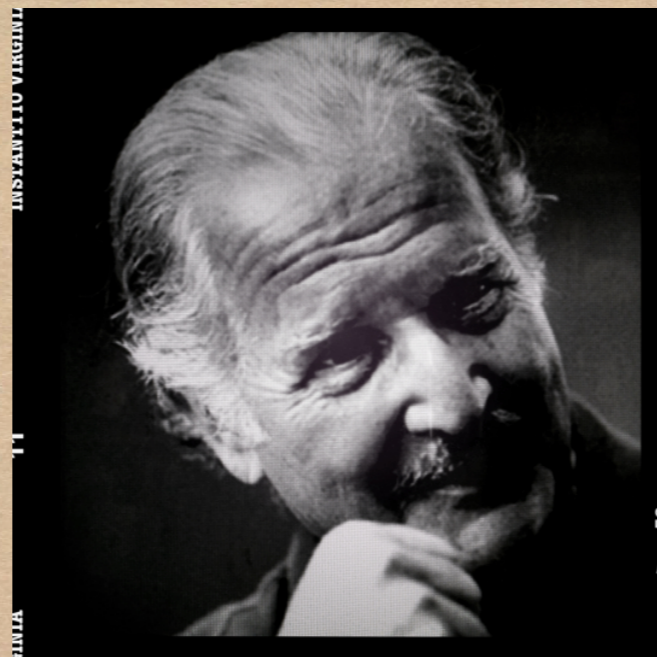


# BLIMUNDA



CARLOS FUENTES, *IN MEMORIAM*  
TEXTOS DE FEDERICO REYES HEROLES, NÉLIDA PIÑÓN E JOSÉ SARAMAGO

LIVRO INFANTIL E PROMOÇÃO DA LEITURA  
UTOPIA E DISTOPIA URBANA

SARAMAGUIANA  
JUAN JOSE TAMAYO, *DEUS, O SILÊNCIO DO UNIVERSO*



# BLIMUNDA

#1 JUNHO 2012

Diretor: Sérgio Machado Letria  
Edição/Redação: Andreia Brites, Sara Figueiredo Costa  
Paginação: Fundação José Saramago  
Paginado com iBooks Author/Apple

Fundação José Saramago  
Casa dos Bicos  
Rua dos Bacalhoiros, 10  
1100-135 Lisboa - Portugal  
blimunda@josesaramago.org  
<http://www.josesaramago.org>  
N.º registo na ERC - 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade dos respetivos autores.  
Os conteúdos desta publicação podem ser reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Não deixemos que os nossos mortos morram.  
Parece uma frase de efeito, mas é, em rigor,  
uma condição de vida. ~~Embora se, para isso,~~  
~~aparente, necessariamente, a vida~~ Por se  
se deixarmos morrer o morto é a sua  
contribuição para a vida que estamos  
rejeitando.

Não deixemos que os nossos mortos morram. Parece uma frase sem efeito, mas é, em rigor, uma condição de vida. Porque se deixarmos morrer os mortos é a sua contribuição para a vida que estamos rejeitando.

José Saramago, 1981

© Arquivo da Fundação José Saramago

## *Blimunda*

Após um primeiro arranque, a revista literária digital da Fundação José Saramago ressurgiu agora com o nome de *Blimunda*. Esta mudança, motivada por razões administrativas relacionadas com o registo do nome da publicação, levou a que o nome da mulher protagonista de *Memorial do Convento*, aquela que colecionava vontades e que via o interior das pessoas, desse agora o nome e personalidade a este espaço electrónico que mantém os objectivos da Fundação José Saramago. Centrada em questões literárias, a *Blimunda* não perderá de vista os restantes princípios que orientam a Fundação, como a defesa do meio ambiente, a valorização da cultura portuguesa, literária e não só, e aqueles que estão plasmados na Carta Universal dos Direitos Humanos e na Carta de Deveres Humanos sobre a qual a Fundação está a trabalhar.

A publicação deste primeiro número da *Blimunda* coincide com a abertura ao público da nova sede da Fundação, na emblemática Casa dos Bicos. Este espaço, totalmente recuperado, permitirá a criação de um novo centro cultural na Cidade de Lisboa, à disposição de todos os que nos queiram visitar e, talvez, partilhar objectivos. A Fundação abre as suas portas com uma grande exposição sobre a vida e a obra de José Saramago, organizada por Fernando Gómez Aguilera e intitulada *José Saramago. A Semente e os Frutos*. Nela podem ser vistos diversos originais do escritor, um conjunto de vídeos e várias centenas dos livros que escreveu e que foram publicados em todo o mundo, quer dizer, os saborosos frutos que nasceram das sementes do trabalho realizado ao longo de uma longa vida plena que culminou a 18 de junho de 2010, faz agora dois anos, e que com este número de *Blimunda* humildemente se pretende homenagear.

Sérgio Machado Letria



## Leituras do mês

Alexandra Lucas Coelho, “Retrato em Branco, Pardo e Negro”,  
Atlântico Sul/*Público*

**P**úblico

Numa crónica da série Atlântico Sul, que sai aos domingos com o diário *Público*, a jornalista Alexandra Lucas Coelho reflete sobre os números apurados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no Censo Demográfico de 2012 sobre o modo como os brasileiros se declaram relativamente à cor da pele. “O que o censo diz é isto: em 190,7 milhões, 96,7 milhões declararam-se negros ou pardos (o termo para mestiços usado pelo IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que conduz o censo). Isto significa 50,7 % da população, com 7,6 % a declararem-se negros e 43,1 % pardos.” Os resultados contrariam aquilo que é opinião recorrente nas zonas mais ricas, e portanto, mais capazes de fazerem opinião, das cidades do Brasil, bem como a observação que pode fazer-se relativamente às pessoas que ocupam os lugares de poder ou de destaque, quer na política, quer nas escolas, empresas e outros espaços. Partindo destes números e da sua análise, a jornalista portuguesa radicada no Rio de Janeiro reflete sobre o percurso dos descendentes dos escravos, as relações entre os diferentes povos que integram o Brasil, no passado e no presente, e o debate que todas estas questões estão a suscitar a propósito do Censo, do crescimento económico que o país vive e de medidas recentes para fomentar a economia brasileira.

<http://blogues.publico.pt/atlantico-sul/2012/05/09/retrato-em-branco-pardo-e-negro/>

Manuel Hidalgo, “La comida, enemiga del cuerpo y del alma”,  
blog Tengo Una Cita/*El Cultural*



Um livrinho sobre saúde e alimentação escrito por um clérigo de meados do século XX serve de pretexto a

Manuel Hidalgo para refletir sobre a obsessão com a vida saudável. Entre o moralismo sobre a vida alheia e a ilusão da vida eterna, as coisas parecem não ter mudado assim tanto desde que o padre Joaquín García Roca assinou o seu *Tesoro de la salud psicosomática*, agora recuperado pelo cronista do *El Cultural* numa venda em Recoletos, na Feria del Libro Antiguo y de Ocasión: “Pero ahora viene lo bueno. Si despojamos al libro – que es mucho despojar – de su prieta hojarasca moralista, resulta que muchas de las recomendaciones de García Roca son las que hoy proliferan en libros de idéntico éxito a cargo de médicos, dietistas o nutricionistas, y también de ideólogos del vegetarianismo, el orientalismo y, en fin, el sacrificado cuidado del cuerpo para estar sano, en forma, delgado y todas esas cosas que hoy constituyen una nueva religión. ¡La de siempre!”

[http://www.elcultural.es/blogs\\_comentario/Tengo\\_una\\_cita/23/33775/La\\_comida\\_enemiga\\_del\\_cuerpo\\_y\\_del\\_alma](http://www.elcultural.es/blogs_comentario/Tengo_una_cita/23/33775/La_comida_enemiga_del_cuerpo_y_del_alma)

Jovino Santos Neto, “Tocando a campainha na casa de Hermeto Pascoal”,  
*Agulha – Revista de Cultura*

O músico e produtor brasileiro Jovino Santos Neto escreve, na revista *Agulha*, sobre a sua experiência ao lado de Hermeto Pascoal, com quem tocou durante 15 anos. A parceria começa em 1977, quando Santos Neto ganha coragem para bater à porta de Hermeto Pascoal. A ideia era apresentar-



se e confessar a sua devoção pelo trabalho do músico, mas Hermeto acabou por convidá-lo para tocar e assim começou uma parceria longa e frutuosa. No texto, Jovino Santos Neto fala da sua experiência tocando ao lado de um dos nomes mais admirados da música brasileira, mas a prosa acaba por ser, sobretudo, sobre Hermeto, o seu modo de trabalhar e a sua atenção aos que o rodeiam.

<http://www.revista.agulha.nom.br/ARC02HermetoPascoalPor.htm>

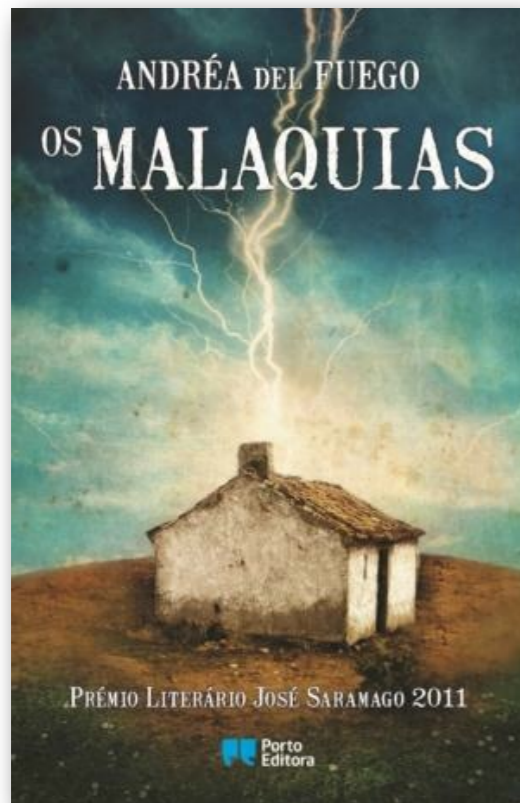
### **José Ignacio Torreblanca, “No Tengo Inimigos, No Conozco el Odio”, Café Steiner/El País**

No blog Café Steiner, José Ignacio Torreblanca escreve sobre a edição espanhola do livro *No Tengo Inimigos, No Conozco el Odio* (RBA), onde se compilam os melhores ensaios de Liu Xiaobo, escritor chinês e ativista dos direitos humanos que foi distinguido com o Prémio Nobel da Paz em 2010, continuando preso, desde 2009, por 'incitar à subversão contra o poder do Estado'. Sobre o livro, diz Torreblanca: “Hay también un punto de amargura en Liu, al comprobar como un gran número de chinos de clase media ha decidido seguir el ejemplo de la elite y corromperse intercambiando su silencio y complicidad con el régimen a cambio de una vida opulenta y fácil. Pero más allá de ese punto amargo, la lectura del libro de Liu nos llena de esperanza y nos permite seguir soñando con algo sobre lo que a veces dudamos: la universalidad de las aspiraciones de libertad, equidad y justicia social.”



<http://blogs.elpais.com/cafe-steiner/2012/05/no-tengo-enemigos-no-conozco-el-odio.html>

**Andréa del Fuego, *Os Malaquias***  
(Porto Editora. Ed. brasileira Língua Geral)



Primeiro romance de Andrea del Fuego, que com ele venceu a edição de 2011 do Prémio Literário José Saramago/ Fundação Círculo de Leitores, *Os Malaquias* acompanham a descendência de um casal que perdeu a vida quando um raio atingiu a imensidão da Serra Morena, no interior do Brasil.

Construindo o percurso atribulado dos filhos do casal, três meninos que ficaram órfãos, a narrativa so-corre-se de um tempo que é o mais forte alicerce deste romance, uma espécie de momento suspen-

so onde passado e presente, memória e desejo, se cruzam na tentativa de deslindar um futuro. Erguido sobre a descrição de gestos que sempre se terão repetido e de paisagens onde a intervenção humana se resume, até certo ponto da narrativa, à construção de casas rurais e à agricultura não-intensiva, o tempo de *Os Malaquias* torna-se vertigem quando a pequena localidade onde tudo começa se prepara para mudar, procurando novos locais onde fixar as raízes, para que as águas de uma barragem que prometeu ao mundo a maravilha da electricidade possam inundar todo o espaço.

Nesse anúncio de dilúvio, não faltam os ecos de Noé, a miragem do mar nunca visto e a dúvida sobre o que o futuro reserva. E se a chegada das águas se prepara para alterar as rotinas repetidas desde o início dos tempos, um certo peso do destino garante que a respira-

ção da Serra Morena e dos seus habitantes, uma pulsão em uníssono tão semelhante a uma cosmogonia sem princípio nem fim, permanecerá a mesma apesar de todos os percalços modernos. Essa pulsão é, em boa medida, representada por aquilo a que se convencionou chamar realismo mágico, mas que em *Os Malaquias* assume características que escapam à cristalização estilística que o conceito tem assumido em tempos mais recentes ao da sua afirmação, na América Latina dos anos 60 e 70. Na escrita de Andrea del Fuego, o realismo mágico não é pirotecnia fantasiosa para exacerbar o possível exotismo do lugar, mas antes modo de romper fronteiras entre os gestos do quotidiano e os estados de alma que lhes dão impulso, cruzando memória, presente e até futuro num mesmo momento. A linguagem, essa, é sempre contida e sem floreios, registando com a mesma frontalidade o provável e o indizível, o que garante tanta verosimilhança à descrição de uma paisagem como ao desaparecimento de um personagem através de um bule de chá. Nada disto, porém, faz de *Os Malaquias* um romance de género ou uma narrativa de época. O trabalho da linguagem, a consciência de que o tempo não é uma cronologia arrumada e sequencial e a assunção da memória – mesmo aquela que parece ter-se perdido entre a genealogia e os percalços da vida – como pilar essencial de qualquer futuro asseguram que a estreia de Andrea del Fuego no romance se situa fora e além da vertigem da novidade, trazendo para a literatura contemporânea de expressão portuguesa um momento privilegiado para a reinvenção.

**Sara Figueiredo Costa**



# Carlos Fuentes

---

*A Morte de Artemio Cruz*, fragmento inédito em português

*A Carlos Fuentes, in memoriam*, Federico Reyes Heróles

*Adeus a Carlos*, por Nélida Piñón

Carlos Fuentes por José Saramago



# A Morte de Artemio Cruz

1913: 4 de dezembro

Ele sentiu a cova do joelho da mulher, húmida, junto à sua cintura. Transpirava sempre daquela maneira leve e fresca: quando ele separou o braço da cintura de Regina, também sentiu ali a humidade de cristais líquidos. Estendeu a mão para acariciar as costas todas, lentamente e julgou adormecer: podia permanecer assim durante horas, sem outra ocupação para além de acariciar as costas de Regina. Quando fechou os olhos, apercebeu-se da infinidade amorosa daquele corpo jovem abraçado ao seu: pensou que a vida inteira não bastaria para o percorrer e descobrir, para explorar aquela geografia suave, ondulante, de acidentes negros, rosados. O corpo de Regina esperava e ele, sem voz e sem vista, esticou-se em cima da cama, tocando nos barrotes de ferro com as pontas das mãos e dos pés: estendeu-se até às duas extremidades da cama. Viviam dentro daquele vidro negro: a madrugada ainda estava longe. O mosquito não pesava e isolava-os de tudo o que ficasse fora dos dois corpos. Abriu os olhos. A face da rapariga aproximou-se da sua; a barba revolta raspou na pele de Regina. Não bastava a escuridão. Os olhos grandes de Regina brilhavam, entreabertos, como uma cicatriz negra e luminosa. Respirou fundo. As mãos de Regina uniram-se sobre a nuca do homem e os perfis voltaram a aproximar-se. O calor das coxas fundiu-se numa só chama. Ele respirou: quarto de blusas e saíotes engomados, de marmelos abertos sobre a mesa de noqueira, de vela apagada. E mais perto, o odor marinho da mulher humedecida e suave. As unhas fizeram um ruído de gato entre os lençóis; as pernas voltaram a levantar-se, leves, para aprisionar a cintura do homem. Os lábios procuraram o pescoço. As pontas dos seios tremaram alegremente quando ele aproximou os lábios, rindo, afastando

a longa cabeleira revolta. Se Regina falasse: ele sentiu o hálito próximo e tapou-lhe os lábios com a mão. Sem língua e sem olhos: só a carne muda, abandonada ao seu próprio prazer. Ela entendeu-o. Cingiu-se mais ao corpo do homem. A sua mão desceu até ao sexo do homem e a dele até ao monte duro e quase sem pelos desta menina: recordou-a nua, de pé, jovem e dura na sua imobilidade, mas ondulante e suave quando caminhava: a lavar-se em segredo, correr as cortinas, abanicar a braseira. Voltaram a dormir, cada um possuído do centro do outro. Só as mãos, uma mão, se moveu no sonho sorridente.

- Seguir-te-ei. – Onde irás viver? – Colar-me-ei a cada povoação antes que a tomem. E ali te esperarei. – Deixas tudo?

- Levarei alguns vestidos. Tu dar-me-ás para comprar fruta e comida e eu esperar-te-ei. Quando entrares na povoação, já lá estarei. Um vestido basta-me.

Aquela saia que agora descansava sobre a cadeira do quarto alugado. Quando acorda, gosta de lhe tocar e tocar também nas outras coisas: nas peinetas, nas sapatilhas pretas, nos pequenos brincos deixados sobre a mesa. Gostaria, naqueles momentos, de lhe oferecer algo mais que aqueles dias de separações e encontros difíceis. Já noutras ocasiões uma ordem imprevista, a necessidade de perseguir o inimigo, uma derrota que os fazia retroceder para norte, os separara durante várias semanas. Mas ela, como uma gaivota, parecia distinguir, acima das mil incidências da luta e da fortuna, o movimento da maré revolucionária: se não na povoação que tivessem dito, apareceria noutra mais cedo ou mais tarde. Iria de terra em terra, perguntando pelo batalhão, ouvindo as respostas dos velhos e das mulheres que ficavam nas casas:

- Há coisa aí de quinze dias passaram por aqui.

- Dizem que não ficou nem um vivo.
- Quem sabe. Talvez regressem. Deixaram uns canhões esquecidos.
- Tenha cuidado com os federais, que andam a atirar em todo aquele que dá ajuda aos sublevados.

E acabariam por se encontrar de novo, como agora. Ela teria o quarto preparado, com frutas e comida, e a saia estaria atirada para cima de uma cadeira. Esperá-lo-ia assim, preparada como se não quisesse perder um minuto nas coisas desnecessárias. Mas nada é desnecessário. Vê-la caminhar, arranjar a cama, soltar o cabelo. Tirar-lhe as últimas roupas e beijar o corpo todo, enquanto ela permanece de pé e ele se vai fincando, percorrendo-a com os lábios, saboreando a pele e o velo, a humidade do caracol; recolhendo na boca as tremuras da menina erguida que acabará por agarrar na cabeça do homem entre as mãos para o obrigar a descansar, a deixar os lábios num só lugar. E deixar-se-á vir de pé, apertando a cabeça do homem, com um suspiro entrecortado, até que ele a sinta limpa e a carregue para a cama nos braços.

- Artemio, voltarei a ver-te?
- Nunca digas isso. Faz de conta que só nos conhecemos uma vez.

**Tradução de Artur Guerra**



## A Carlos Fuentes, *in memoriam*

Dizia Alexis de Tocqueville que a fortaleza de uma nação radica na solidez das suas memórias e no poderio dos seus sonhos. Mas a memória e os sonhos de uma nação têm de plasmar-se em palavras. Só a palavra permite o reconhecimento, a partilha, ser-se no individual e no coletivo. Contudo, a palavra não cai de uma árvore como um gracioso fruto. A palavra necessita de engenheiros que consolidem o cimento, de arquitetos que imaginem uma forma e, talvez o mais difícil de encontrar, de uma alma que sinta por si mesma e pelos outros.

Cruzávamos o Atlântico num navio aí por volta dos anos sessenta. Olha, está ali Carlos Fuentes, vamos cumprimentá-lo, disse a minha mãe. Eu era um miúdo. Conheciam-se desde muito jovens do Corpo Diplomático. Esquadrinhava a biblioteca do barco quando o interrompemos. Foi afável, vestia jeans, pareceu-me satisfeito. É um grande escritor, foi a única explicação que recebi. Escritor, pensei, que mistério. Com os anos compreendi que a tarefa de um escritor era ampliar a alma para sentir mais e melhor e poder colocar esses sentimentos preto no branco, prendê-los em palavras. O referente do escritor era Fuentes.

«De Quetzalcóatl a Pepsicóatl» escreveu Fuentes num livro tão arbitrário como brilhante, *Tiempo Mexicano*. Mas a quem é que ocorrerá algo assim? A Fuentes, que ligou a tensão entre as tradições e a modernidade. Para mais, no próprio título da obra denunciava uma das suas grandes obsessões: o Tempo, com maiúscula, não aquele que medem os ponteiros de um relógio – que fácil seria –, o outro,



Federico Reyes Heroles com Carlos Fuentes

o subjetivo, o de Kant, no qual um olhar, um minuto pode transformar uma vida, e um século ser um interminável assombro.

«Os teus dedos gelados... sem tato... as tuas unhas negras, azuis... o teu queixo trémulo... Artemio Cruz... nome... “inútil” ...“coração” ... “massagem” ... “inútil” ... já não saberás... trouxe-te por dentro de mim e morrerei contigo... os três... morreremos... Tu... morres... morreste... morrerei». São as últimas linhas de *La muerte de Artemio Cruz*, romance icónico do labirinto social e emocional da pós-revolução.

Nele Fuentes procurava nas memórias, fazia-o para construir nação, para criar uma identidade através da palavra, a sua grande obstinação. Dizer as coisas, dizê-las a tempo e com um sentido final capaz de irmanar emoções, esse era o objetivo. Mas se a Revolução era o tema arquetípico da literatura mexicana da segunda metade do século xx, o retrato de uma grande cidade não o era. Fuentes já vinha de *La región más transparente*, onde lograra denunciar a pseudo-aristocracia, os Betos e as Gladys, os ameaçados no seu imaginário coletivo pela revolta popular. Triunfadores de ouropel, fracassados com disfarces, o proletariado tão em moda nessa época e os que fluam de uma classe para outra – dizia Fuentes – para designar aquelas a que hoje chamamos classes médias. Muitos deles personagens representativos de um México que, lamentavelmente, ainda não se fica atrás do todo. A capital tomou consciência de si própria. A nação tomou consciência da sua capital.

Passado, *Artemio Cruz*, presente, *La región más transparente*, e por que não futuro. Por que não imaginar um transporte aéreo em massa para os trabalhadores mexicanos que ganham os seus pesos dependurados das janelas dos grandes edifícios de Chicago ou de Nova Iorque, cidade que Carlos amava como a poucas. Oscilam nas cordas limpando vidros sujos para o que já não há corajosos no nosso vizinho do Norte. Fazem dinheiro e voltam ao México voando. Lá estão os relatos que imaginavam um futuro que cria nação. Por que não uma identidade nacional que surge no norte do Méxi-

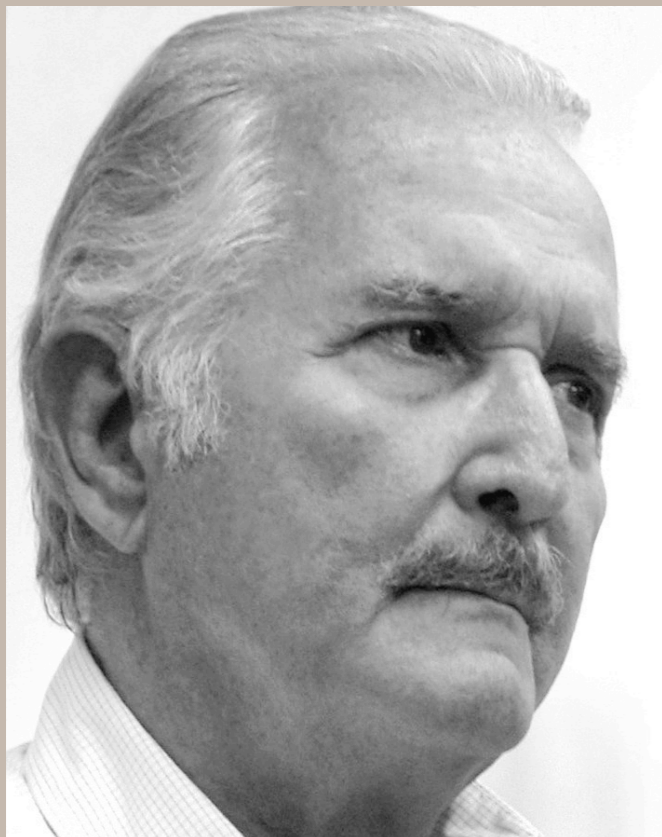
co e no sul dos Estados Unidos. Uma nova identidade que obriga ao encontro. Cidadãos de Oxaca ou de Michoacán convivendo com texanos e californianos. Pintores, poetas, dramaturgos, produto desse encontro fantástico e incompreendido. Fuentes sempre acreditou nessa força, resultado do encontro de culturas. O que daí sair será melhor, pensava. O purismo não era a sua convicção.

Aluno informal de um grande tutor a quem o unia uma profunda amizade, refiro-me a Alfonso Reyes, Carlos Fuentes sempre defendeu a tese do regionismo: a cultura ou é universal ou não é cultura. O resto é folclore. Por isso se lançou numa aventura magna como é *El espejo enterrado*, onde nos fala de *Zurbarán* ou de *As Bodas de Fígaro*, um esplêndido e complexo texto em que cruza os mares, o Atlântico em particular, para mostrar as pontes invisíveis mas indestrutíveis que unem as culturas de uma e de outra costa. Que homem mais complexo e completo era Fuentes. Recordo-o na excelente versão desse livro – *El espejo enterrado* – elaborada pela televisão britânica. Aí o nosso grande escritor revela-se perante as câmaras como se não tivesse feito outra coisa durante toda a vida.

E já que falamos em câmaras, como deixar de mencionar a esse Carlos cinéfilo que competia com José Luis Cuevas e com Monsiváis ao recordar realizadores, guionistas, operadores de câmara e evidentemente atores e atrizes, sobretudo as belas. Porque também havia esse Fuentes capaz de cantar trechos inteiros de *Don Giovanni* ou de repetir ao despique com García Márquez grandes excertos de Quevedo ou de Góngora. Um escritor não pode ter limites, deve experimentar emoções diversas, desfrutar de uma neve deliciosa ou dançar em algum arrabalde de Buenos Aires, cidade pela qual também tinha uma fraqueza muito particular, consequência dos tempos de infância em que aí permaneceu como filho de diplomata.

Mas Carlos Fuentes viu com toda a clareza que tinha várias missões culturais a cumprir: a sua obra – o seu trabalho nas memórias e nos sonhos – era a principal. Mas podia também servir de ponte, de ligação entre os brilhantes, todavia desorganizados, arranques da literatura em língua espanhola. Daí a sua fantástica produção como ensaísta e crítico literário: desde *La nueva novela hispanoamericana*, em que faz uma radiografia de Vargas Llosa, de Carpentier, do seu grande amigo García Márquez, de Cortazár e de Gotysolo, livro de finais dos anos sessenta, a *La gran novela latinoamericana* de 2011, passando por *Geografía de la novela*, de 93. Mas chega de evocar os títulos infinitos da sua vastíssima obra. Lamentavelmente, teremos muito tempo para sistematizar e reconsiderar. Seria injusto ficarmo-nos por aqui. Porque há muito mais. Vou às virtudes.

Carlos Fuentes o grande conversador. Não me refiro apenas às recordações íntimas de noites prolongadas, mas também às múltiplas entrevistas em que o espírito pedagógico imperava e a paixão se engalanava. Admirador dos seus grandes mestres da Faculdade de Direito da UNAM, Fuentes conhecia o poder da oralidade e explorava-o segundo a segundo. Nada odiava mais do que uma conversa insossa, insípida e incolor.



Carlos Fuentes o laborioso. Parece fácil, dezenas de livros, mas a disciplina quotidiana de Fuentes, o seu ritual de trabalho, a sua severi-

dade para consigo próprio, o sacrifício implícito, são uma lição para todos. Fuentes levou a sério o seu ofício e isso deve ser um exemplo para muitos.

Carlos Fuentes o conferencista. Francês, inglês e evidentemente espanhol, todos corretíssimos, Fuentes era um grande sedutor que prendia com um único instrumento: a palavra. A construção das orações e dos parágrafos; os adjetivos, a entoação, a sua cuidada diction e, também, a sua grande capacidade histriónica ao serviço das ideias. Nem ecrãs, nem luzinhas, nem música de fundo. Carlos rompia o silêncio da audiência e sabia qual o instante preciso para o fazer voltar e provocar uma ovação.

Carlos Fuentes o organizador de aventuras. Como se nada tivesse que fazer, arranjava tempo para organizar encontros, congressos e inclusivamente uma instituição como o é o Foro Iberoamérica, com mais de uma década de vida, e que proporcionou, ano após ano, a reunião de empresários, intelectuais e personagens da envergadura de Felipe González, os ex-presidentes Sanguinetti, Cardoso, Gaviria, Lagos, entre outros, tudo com o objetivo de manter viva a chama da sua sã obsessão iberoamericanista.

Mas nem tudo era suavidade e cortesia na naturalidade diplomática que lhe era inata. O comentarista jornalístico Fuentes era uma caneta temível. Basta reler um texto implacável que se descreve no título: *Contra Bush*. O seu posicionamento liberal e progressista levou-o a compreender os limites das ilusões dos anos sessenta e a fortalecer as liberdades como única via para a grande liberdade.

Impossível não recordar outro atributo. Carlos Fuentes foi um homem muito generoso. Foi-o com os amigos, pois era muito amigo dos seus amigos, mas também com desconhecidos a quem autografava, aparentemente sem cansaço, centenas de exemplares, ainda que

depois ficasse esgotado. Generoso, muito generoso, com os escritores jovens, a quem nunca se cansou de estimular. Parece premonição que tenha morrido no dia do mestre. Uso o plural, generosos, porque Silvia e ele não podiam impedir-se de partilhar os seus comentários sobre um bom filme ou DVD ou a subida à cena de uma ópera. Generosidade que inundou a sua casa para a converter em local de encontro de diferentes, de discussão, de abraços fraternais dos adversários políticos. Que lição de civilidade!

Viajantes incansáveis, Silvia Lemus, o seu grande amor, a sua grande companheira nas horas boas e nas horas más, que também as houve, fazia-lar aonde fosse que Carlos tivesse que ir. Os Fuentes erigiram-se numa antena muito sensível do que se passava no mundo. Durante meses de ausência e inumeráveis voos por todo o globo acumulavam informação e conhecimento que chegavam a partilhar. Hoje pode parecer pouca coisa, mas num país fechado esse trabalho foi vital. Encarnou a convicção de levar o México ao mundo e de trazer mais mundo ao México.

Vejo-o naquele navio muito distante na memória; vejo-o no seu estúdio observando os vulcões, rodeado de livros; vejo-o enfático e convincente numa conferência. Vejo-nos tomando um potente martini, simplesmente porque sim; vejo-nos, em La Orduña, perto de Jalapa, visitando sozinhos o engenho de açúcar onde havia sido concebido, disse-me; vejo-o dançando com Silvia em Cartagena ao lado dos Gabos; vejo-o em Londres subindo ao seu apartamento e em Roma desfrutando a cidade e uma «pasta»; vejo-o com os dedos indicadores torcidos, para não dizer deformados, de tanto premir a tecla, mas acima de tudo vejo-o discutindo sobre o seu México, esse que sempre quis que fosse melhor, mais próspero, mais justo, um México que estivesse à altura do mundo.

Neste vazio abrupto temos um consolo: chegou ao fim como queria, lendo, viajando, com projetos, discutindo, e sobretudo com os dedos em cima do teclado. Foi um homem atravessado pela paixão, na conversa, frente à folha em branco, perante a estética.

Que belo artigo, disse-lhe na segunda-feira por volta das duas da tarde. Se gostaste deste, espera pelo de amanhã. E depois o comentaremos, disse-me. Brincámos durante um bocado, falou-me do seu novo projeto e do problema de deslocar tantos livros. Olha, temos de ir ao teatro. Claro, procura alguma coisa. Vê lá, respondi-lhe. Eu convidote para a ceia, pagaste a última comida. Dessa não te escapas, querido Carlos. Voltando a Tocqueville, procurar-te-emos nas nossas memórias e nos nossos sonhos, sabendo que és parte central da grande nação que ajudaste a construir.

Obrigado, Carlos, pelo muito que nos deste, aos indivíduos, ao teu México.

Descansa. Sem ti, mas rodeada dos muitos que te querem, a tua güerita<sup>1</sup>, a tua grande preocupação, há de ficar bem.

Foi uma honra. Obrigado.

<sup>1</sup> Güerita: «Loirinha», assim tratava Carlos Fuentes a sua mulher. (Nota da Redacção)

**Federico Reyes Heroles**

## Adeus a Carlos



Nélda Piñon com Carlos Fuentes

Custei a acreditar na voz que, vinda do outro lado do Atlântico, me anunciava o falecimento de Carlos Fuentes. A notícia gerou-me tal incredulidade que instei a voz a repeti-la três vezes. Um número com dimensão mágica, capaz, quem sabe, de dissolver os efeitos de uma realidade que me doía. As moiras do destino, porém, que são três, e cujas ações malévolas nunca se ausentam, insistiam em afirmar que o escritor já não se encontrava entre nós. A partir daquela data, contentássemos-nos com sua obra e a memória literária.

Imergi no luto, que é tradição da minha grei. O traje negro, no caso simbólico, tem a vantagem de servir para prantear diversos mortos ao mesmo tempo. Aquele, porém, que nos deixara, encarnava um

homem excepcional, instalado há muito no panteão das Américas, a figura paradigmática de escritor universal.

Sujeita, contudo, aos ditames pessoais, prolongo a tristeza e relembro preciosas minudências da vida de Carlos Fuentes, de cuja riqueza fez-nos depositários. Evoco a obra, que perdurará, e ainda seus gestos, o caminhar apressado, quase atemporal, o rosto parecido a um palimpsesto no qual se estampavam os rastros das variadas civilizações que ele estudara ao longo de sua formação intelectual.

Penso, igualmente, como colhíamos suas reflexões, originárias de um saber recôndito, vindo de longe, talvez de Micenas, ou mesmo do início do mundo, e que ele ia atualizando enquanto cotejava este vasto repertório com o cotidiano, mesmo corriqueiro, onde se instalava na companhia dos amigos. E, ao improvisar, seguia uma pauta que ordenava a voltagem das idéias. Tudo nele era propício a desafiar a si mesmo e aos demais.

Altaneiro e polissêmico, insatisfeito com a arte de decifrar o mundo ao nosso alcance, esforçava-se em contribuir para a exegese humana. E já ao final da vida, este pensador inquieto não hesitou em reconhecer, em recente diálogo com o ex-presidente Ricardo Lagos, do Chile, sua dificuldade em interpretar as crises que ora assolam a sociedade contemporânea.

Desde o início revesti Carlos Fuentes com o manto da imortalidade. Isto é, como se estivéssemos todos destinados a morrer, salvo ele. Ou, então, acreditava que ficaria entre nós ao menos dois séculos, o tempo de cessar de jorrar a riqueza que provinha daquela esplêndida matriz humana. Certamente imaginei que a mãe, Berta, inspirada na nereida Tétis, que afundou o filho Aquiles, ainda pequeno, na tina com água do rio Estige, para lhe assegurar a invulnerabilidade, teria feito o mesmo com Carlos. Ou contentara-se ela em conceder

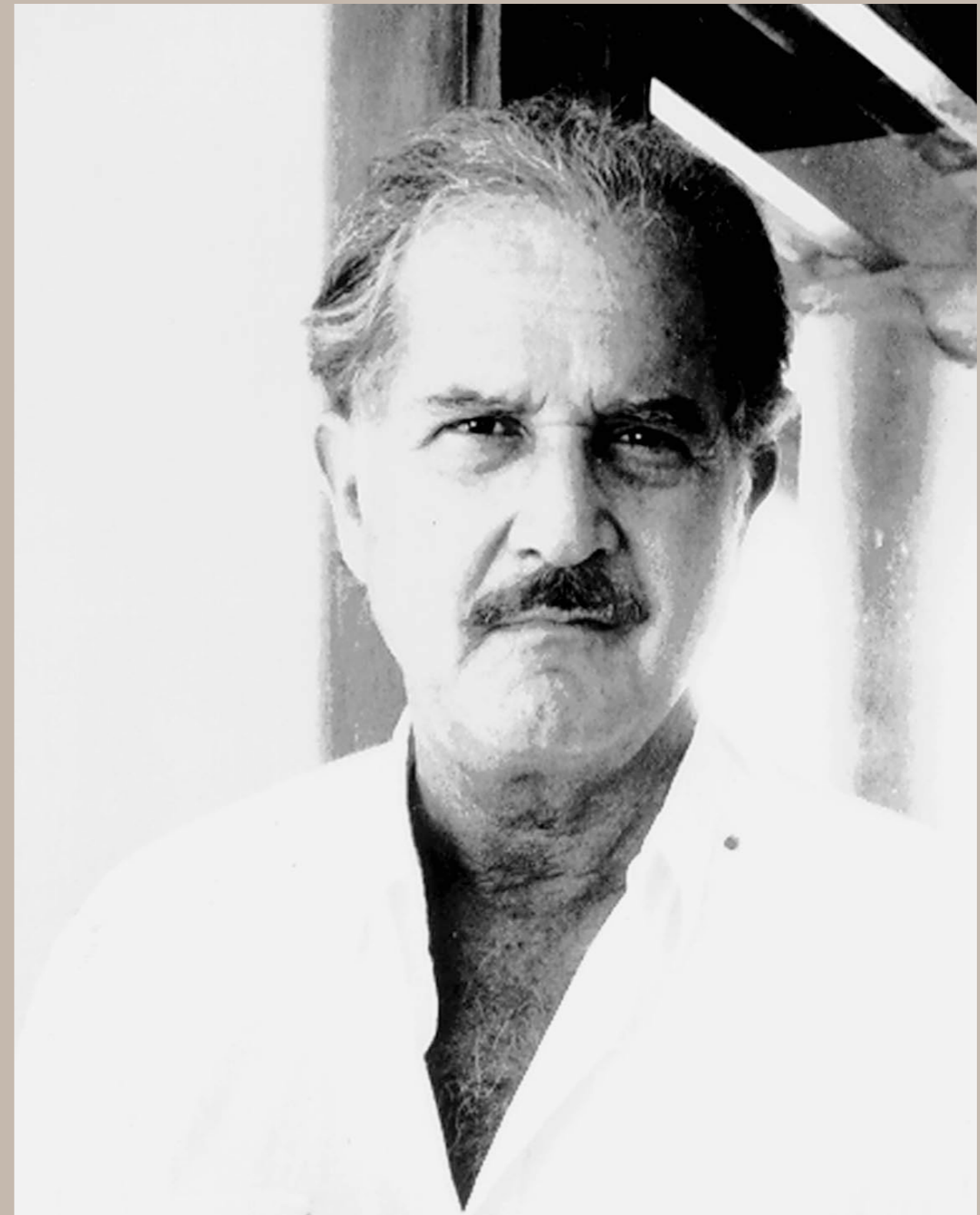
ao filho um talento criador com o qual invadisse no futuro a matriz da língua, as frestas do invisível e do instável, os enigmas do humano, o sortilégio da poesia. Afinal a história provou que Carlos Fuentes edificou uma obra capaz de prorrogar as excelências da língua, os personagens arquetípicos, de perscrutar as idiosincrasias coletivas, as histórias secretas, sobretudo aquelas relegadas ao esquecimento, e que só passaram a existir graças a sua convicção narrativa.

Vi-lhe os retratos familiares. Da vida privada, de Silvia, dos três filhos. Dos amigos, dos seres que integram sua história e a do México. E ao recolher este compêndio afetivo, constato uma trajetória assinalada, desde o nascimento, pelo instinto da narrativa. A começar por haver nascido no Panamá, onde o pai, Rafael, servia como diplomata, cujo canal, de intrincada mecânica, desafia a imaginação.

Até os 15 anos, embora se soubesse mexicano, viveu em diversos países. O Rio de Janeiro fez parte deste périplo. Nesta cidade, menino ainda, acarinhou-se com Alfonso Reyes, o autor de *Visión de Anáhuac*, o genial erudito que Carlos preservou no arcabouço mental como modelo a seguir. A ponto de vir a ser, como Alfonso Reyes, a quem visitava freqüentemente em sua casa de Cuernavaca, ensaísta das Américas. E ainda o ficcionista que, afim de criar a própria epopéia, engendrou em sua obra a epopéia americana.

Desde cedo, aprendeu línguas e aperfeiçoava o espanhol nas férias escolares, passadas no México. Havia que conhecer o país, estar com as avós, que o seduziam com o fabulário mexicano. Convívio que marcou sua maneira de examinar o país. Destes seres familiares emanava a sedução que lhe enriquecia o imaginário. Elas lhe davam alento para enveredar pelo cotidiano denso do país, pelas lendas e mitos em torno das culturas ameríndias e da revolução, pelos

sonhos populares, para auscultar a vida dos vizinhos que fundamentariam suas invenções.





Era-lhe natural que as avós exagerassem nas narrativas. Graças ao fervor dos afetos, os enredos enriqueciam o arsenal que o neto iria utilizar para contar o que lhe fizesse falta .

Por conta do ofício de escritor, esmiuçou sua árvore genealógica, para entender as nações. Não em busca da linhagem que o distinguisse. Só os nobres investigam o passado a procura de algum rei que lhes oferte a coroa com a qual afinal se ajustam ao presente. Carlos amava os documentos, a leitura intensa, a tradição, as desilusões dos povos, matérias enfim que lhe garantiam a dimensão da modernidade. Herdara, sem dúvida, a consciência de que provínhamos de uma seqüência familiar que fortalecia em períodos de ascensão a visão humanística.

Penso que creditava à família o percurso literário sem o qual o romance carecia das afinidades coletivas. O que permite, aliás, o *Quijote* ser lido no deserto de Gobi ou em qualquer outro rincão do mundo. Os avós, pois, quais fossem, com sua soberania derradeira, semeavam nos sucessores as moedas com as quais escrever a história social. Mas caso eles não nos cedessem suas histórias, de que valeriam suas moedas ?

A família paterna era de Vera Cruz, do golfo do México, da região de onde se trazia a pé, em louca corrida, até o altiplano, o peixe fresco que abastecia o imperador Montezuma. Seu bisavô, socialista alemão, refugiou-se em Vera Cruz, após hostilizar Bismarck. E com o intuito de abolir resquícios de memória, proibiu que se falasse o alemão na casa. A avó, Clotilde, também veracruzana, era bela e valente. De certa feita, indo da capital para Vera Cruz, a diligência foi assaltada por bandoleiros que lhe exigiram a aliança. Ofendida com semelhante atrevimento, resistiu em lhes entregar o símbolo conjugal. Eles, então, sem contemplação, cortaram-lhe o dedo de

um só golpe. Desencantada com a violência, ela não deixou mais de usar luvas que escondessem a mutilação sofrida.

Emília, avó materna, vivia em Mazatlán, descendendo de imigrantes espanhóis e dos índios yaquis. Viúva jovem, educou sozinha as 4 filhas, trabalhando na campanha escolar encetada por José Vasconcelos, autor do notável *La Raza Cósmica* que revolucionou a educação mexicana, com reflexos em toda a América.

Tinha ela espírito beligerante. Enfrentava vicissitudes e igualmente certo parente, de alta patente militar, com quem argumentava assegurando-lhe que não importava a batalha que ambos travassem, ela sairia sempre vencedora.

Ambas mulheres tinham em comum o gosto de narrar, de prover o neto com subsídios, pessoais e históricos, que nutrissem a imaginação do futuro escritor.

A célula familiar, com tantas irradiações dramáticas, atuavam na ficção de Carlos Fuentes, dentro e fora da casa, na polis. Seu universo novelesco registrava os desdobramentos da ação familiar no deflagrar do drama. As marcas da tragédia haviam se iniciado com Adão e Eva, Abel e Caim, a primeira família. Sina que os deuses, secundados pelos enigmas dos oráculos, configuravam nas tragédias gregas. Como exemplo do circuito familiar: Medéia e Jasão, Electra e Orestes, Clitemnestra e Agamenon, Édipo, Antígona, esta como o arauto do sistema familiar.

Esta matéria familiar, que se expande, apropria-se do universo americano e desemboca em seu grande romance *Terra Nostra*. Para tanto, os manejos históricos e psíquicos integram a arte narrativa que Fuentes maneja no afã de refletir a grandeza advinda da fabulação, da volúpia onírica. Das palavras cintilantes que constituem em

cada página um festim inigualável. Um esforço criativo amparado pela paixão que personagens e leitores desvelam.

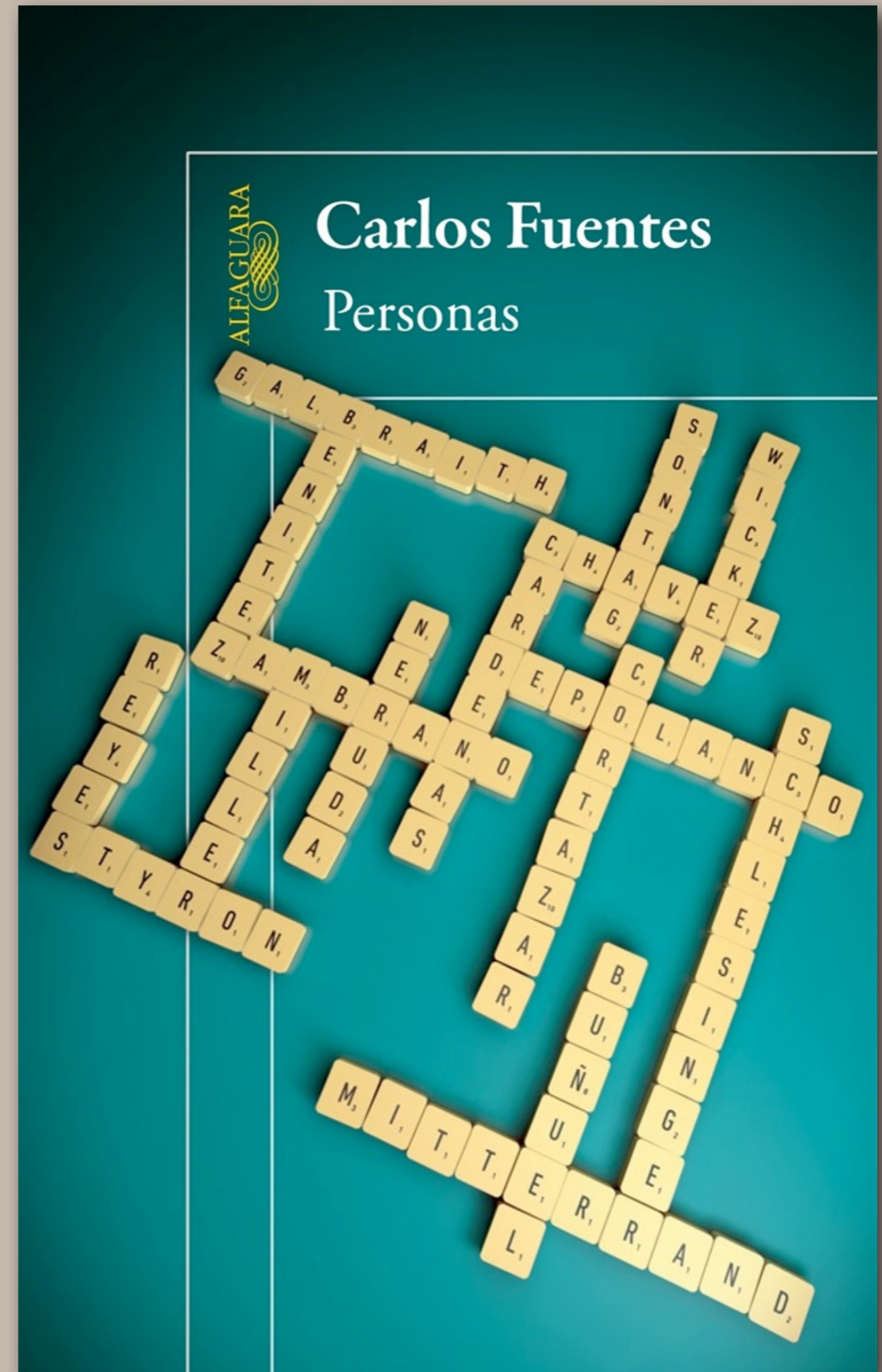
Sua narrativa cumpre à risca o enredo a que está atrelado. Embora submetida aos ditames da fatalidade dos personagens, não abdica dos feitos históricos que correm paralelos à ação da história. Tem México como metáfora fundadora, pano de fundo da sua criação. Com menor presença em *Aura*, romance contaminado por um mistério cuja procedência crepuscular e difusa, opera no atormentado sentimento humano.

Ao lê-lo, sempre imergi em exaltada aventura, com a sensação de haver em suas obras a verdade narrativa que dizia respeito a mim mesma. E que de nada valia sair da sala para livrar-me das provocações acesas pelo imenso talento do autor.

Eu media, contudo, o transbordamento das emoções que a leitura me despertava. Sua obra ensejava que lhe visse os andaimes da criação, o repertório das idéias, por onde transitavam as frases cujo teor poético deslocava minha casa afim de eu aderir a sua explosão verbal.

Sou-lhe grata pela grandeza com que enriqueceu minha condição de escritora, de ibérica, de brasileira. Constató, hoje, como ele soube amar e servir à sua tribo literária. Como, ao falar de cada um de nós, parecia falar de si mesmo. Havendo permitido que eu o sentisse irmão na escritura e na visão de mundo.

Tive o privilégio de testemunhar seu amor pelo Brasil. Dava provas de entender quem éramos, a despeito de nossas sensibilidades, brasileira e mexicana, nem sempre trilharem as mesmas sendas. O seu Agustín Lara, a sua Maria Felix, *La Dueña*, não eram os personagens como nós os víamos .



Evocava o hotel Copacabana Palace como o território mítico onde ensaiara, na infância, sonhos arrojados e que não esquecera. Pousava na cidade sempre que podia. Recentemente, Silvia e Carlos convidaram-me para encontrá-los na Barra no dia 26 de abril, dias antes de falecer, para o café da manhã. Estariam no Rio quase incógnitos, para participar de seminário internacional sobre educação. Na ocasião, leu o discurso, sempre sábio, ganhou um prêmio, foi aplaudido. Abracei-o e não lhe vi indícios da despedida que nos golpearia proximamente. Ao despedirmo-nos, ficamos de nos ver em junho. Afastei-me, mas, como a mulher de Lot, olhei para trás. Vi-o de costas, o passo firme, os cabelos de fios longos, embranquecidos. Ainda belo, uma efígie.

Lembro sua alegria em receber a medalha Machado de Assis em 1997, por ocasião dos festejos do I Centenário da ABL, quando, convidado por esta instituição e pelo jornal *O Globo*, discursou no teatro, sob aplausos entusiasmados, grande orador que era. Emocionou-se em Brasília, no mesmo ano, durante a cerimônia de imposição de insígnias, ao receber do presidente Fernando Henrique Cardoso a condecoração da Grã Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

Já no Palácio da Alvorada, antes do almoço, quis conhecer os jardins, os animais que ali residiam. A vida o instigava, jamais se descuidava. Em seguida, ao lado do presidente e de Ruth Cardoso, e do sociólogo Ricardo Lago, às vésperas de ser empossado presidente do Chile, animou a conversa com temas que abordavam de preferência as problemáticas latino americanas.

Mas o que mais lhe importava do Brasil era Machado de Assis sobre quem dizia ser o romancista carioca aquele que melhor assumiu a lição oriunda de Cervantes. Não fora Machado, habitante periférico

de um Brasil longínquo, teríamos todos perdido os ensinamentos provindos do Quixote, e que Machado recobrava.

Queridos amigos,

Mas é como criador que Carlos Fuentes me fecunda. Embora hesite qual romance destacar da obra numerosa, repouso minha lupa sobre *A morte de Artêmio Cruz*. Releio o romance, decanto-o, é uma iguaria inesquecível, um vinho de terroir raro. Só este Artêmio Cruz serviria para consagrá-lo. Uma obra-prima urdida por um autor que alcançara a culminância narrativa aos 32 anos. Um clássico, sem dúvida, que ao utilizar uma abordagem lendária para erguer uma nação e contar a história do homem chamado Artêmio Cruz, estabeleceu-se para sempre na história literária.

Nestes dias, folheei certos capítulos. O livro, desperto, surgiu inteiro. Recuperei os rumos estéticos, o deliberado artifício de linguagem em certas passagens, a visão polissêmica que, com imponente riqueza, pauta suas páginas. A reconstituição da instabilidade política originária da revolução mexicana a partir de 1910. De como a população, de diversos estamentos, gravita ainda hoje em torno de um movimento transformador. De como os mexicanos têm enraizadas na psique as conseqüências de conflito tão complexo e ambíguo.

Uma narrativa que, sob forma de imenso afresco, elucida a conduta dos revolucionários e de seus sucessores. Destaca paulatinamente a falência dos sonhos, a deterioração da utopia, por parte dos que se afastaram dos ideais revolucionários.

O autor pinça os instantes constitutivos deste painel moderno, enquanto elege o lento espetáculo da morte de Artêmio Cruz como tema. Situa o enigma romanesco precisamente em meio ao embate que se trava entre vida e morte. A morte de um personagem que se

torna metáfora do desfalecimento de uma nação. E como, ao longo do transcurso narrativo, a ação torna-se em si explanatória, enquanto insinua o desfecho iminente. Quando vemos como Artêmio, na agonia da morte, agarra-se às prerrogativas da tênue vida que lhe resta.

O personagem é de comovente dimensão. Prestes a autorizar o advento da própria morte, ele repassa a existência em um ritual quase litúrgico. Em voz tríplica, ele entoia a ladainha que o afeta e dá sequência as cenas que lhe perpassam a memória. Uma evocação obscura e lírica que cede argumentos à morte para ela agir segundo sua conveniência.

O discurso da morte é de rara singularidade. É Tolstói, com seu Ivan Illich. Sem dúvida um tributo elegíaco ao ocaso da vida. O cruel esboço de uma realidade que obriga ao narrador, Artêmio, amedrontado e desordenado, a aceitar um enigmático YO, sucedido por duas outras vozes, certamente suas. É mediante estas alternâncias vocais que a morte pede passagem ao moribundo que lhe cumpre o desejo. Uma permuta, porém, que obriga Artêmio a revelar os incômodos e as misérias do corpo próximo ao desenlace. Quando, submisso à lei e ao absolutismo da carne, o seu “YO” vê-se no rosto de quem, próximo ao leito, o observa, e a quem ele, Artêmio, confere autonomia para julgá-lo.

Artêmio Cruz, como narrador, domina a ação universal. Designa quem deve permanecer ao seu lado, e dispensa os que não inclui na viagem ao Hades, ao centro de si mesmo. Ele sabe que México é o seu último caleidoscópio, quando as peças cromáticas se movem. Nestes instantes, se fundem as etapas finais de sua vida. Sua agonia associa-se à insalubridade do tempo. E já não conta mais com o inconsciente e a memória. São sobras que não fazem mais parte da sua rotina. Faltam-lhe definitivamente os recursos com que

se defender diante de uma existência fétida e translúcida. Contudo, seu estado terminal ainda reivindica a custódia da memória, que lhe conte a sua história. Intui, talvez, que graças a linguagem não

linear, caótica, atalhada por monólogos esparsos e dissonantes, gane algumas horas mais. Um jogo sutil que predica em seu favor. No entanto, as noções do tempo, a serviço de Artêmio, dissolvem-se. O som e a fúria shakespeareana ecoam no seu arfar de despedida.

A ambigüidade de Artêmio Cruz, contudo, sob o impacto da circularidade temporal, é também a sua verdade narrativa. Integra a rede da intriga em que se escondem as claves do personagem em sua alteridade. O YO, o TU, o EL, encenam a mortalidade, são uma outra efígie. As vozes que orquestram a narrativa, como ardis evocativos, são uma massa coral beethoveniana cujos metais, cordas, oboé, trombetas falam, pranteiam a personagem feminina, Regina, rejuvenescem Artêmio a sonhar com Catalina, abrigam-se nos braços do mulato Lunado que viu o moribundo nascer. Assim transversal, a realidade mexicana, e de Artêmio, embaralha os naipes da existência, usa os sentimentos térmicos, os contrapontos, a frase de Calderón, da “cuna al sepulcro”.

Carlos Fuentes afina a unidade narrativa com dissonâncias deliberadas. Nenhuma voz ousa dizer tudo. Só o tempo, regressivo, subjetivo e mítico, pronuncia-se. Carece que a lógica da narrativa predomine.

Às vezes, como leitora, fantasio que Carlos Fuentes, ao esboçar Artêmio Cruz, seguiu o suntuoso modelo do conde Olivares, de Velásquez, ora no Prado, embora falte ao moribundo a montaria imponente do político. E indago se Carlos guardou no coração, em nome das inquietações inerentes ao criador, os traços do pentimen-

to, do arrependimento, que o sevilhano Velásquez preservou no seu quadro. Mas, como saber?

O que julgo, sim, saber, é que o romance, como que obedecendo a uma regra grega, ajusta-se à medida humana. Sob o anteparo dos arcanos, das lendas, dos mitos, da história, sua magnitude consagra o anti-herói enclausurado em seu quarto, enquanto, à espera da morte, reconstitui o malogro pessoal e do México. O anti-herói que encarna as carências do arquétipo e cuja representação narrativa modela as instituições e conta a história do século XX. Ele é quem, após haver perdido a inocência e traído suas utopias, oferta à morte o legado da sua alma corrupta e desiludida .

Um personagem em torno do qual, e à margem da falência histórica das identidades nacionais, o autor, como um Balzac moderno, consigna os rasgos antropológicos e espirituais de uma nação. Obriga a sociedade ibero americana a assumir sua representatividade, a questionar quem somos, a averiguar o grau de nossas contradições, da nossa moralidade cívica, dos nossos escrúpulos. Para saber, afinal, quem há de chorar por nós, enquanto passamos a existência em revista.

Amigos,

Conheci Carlos Fuentes no México, em 1966. Ali cheguei por acaso, vinda dos Estados Unidos, onde estive desfrutando de uma bolsa concedida a futuros líderes da América Latina. Já então ele era um escritor reputado e admirado, enquanto eu não dispunha de credenciais para ser levada a sua presença.

Ele, porém, não se importou que fora uma desconhecida. Recebeu-me em casa com afeto e generosidade, cedeu-me o seu tempo. Em nenhum momento filtrou o meu saber ou sabatinou-me, à cata de meus títulos. Fez-me sentar na confortável sala como se eu fora um

dos seus. Para ele eu era tangível, porque pertencia à falange dos anjos que faziam parte da literatura. Integrava, pois, o fluxo inventivo que emanava do continente americano. A escrita, e o alento da arte, uniam-nos. E estimulou-me ele, a sonhar em um continente que cobra do escritor vigilância e fabulação, que estão na mira da escritura.

Desde esta época, nunca o esqueci. Com os anos, fizemo-nos amigos. Só que minha profunda amizade por ele envolve agora Silvia Lemus de Fuentes, mulher de refinada inteligência e sensibilidade. Ambos são inseparáveis no meu coração. A ela estou especialmente atrelada porque somos afins, porque nos queremos bem, por que nos entendemos com uma simples mirada, porque choramos juntas. E agora seguiremos a prantear Carlos, que fará falta a ela e aos amigos, afetados todos por sua irreparável perda.

Pude abraçar Silvia e Carlos nos momentos de glória e de dor. Aprendi com eles a ouvir o diapasão secreto dos sentimentos. E onde quer que Carlos Fuentes navegue agora, seguindo um mapa cujas linhas estão ao alcance de Silvia para acompanhá-lo mesmo de longe, continuaremos juntas, nos falaremos, nos comprometemos com o futuro da amizade. De uma amizade que me ajuda a viver. Pois sou o que os afetos me pautam e me dizem.

Agradeço a Carlos por haver existido em minha vida .

Rio de Janeiro, 23 de maio de 2012

**Nélida Piñon**



## Carlos Fuentes por José Saramago

### Carlos Fuentes em Lanzarote

*28 de agosto de 1997*

Carlos Fuentes, o grande escritor mexicano, a quem admiro desde que, há muitos anos já, li esse livro fascinante que é *Aura*, passou

ontem por Lanzarote. Veio com sua mulher, a jornalista Silvia Lemus, estiveram algumas horas (duas delas ocupadas por uma entrevista que dei a Silvia), e juntos visitámos a Fundação César Manrique. Ficou claro, logo desde o primeiro momento, que estávamos a colocar a primeira pedra de uma amizade que se consolidará (estou certo disso) na viagem que Pilar e eu faremos, no próximo ano, ao México. Registo aqui o recolhimento com que Carlos Fuentes leu o poema de Rafael Alberti dedicado a César Manrique, aquele que está na Fundação: *Vuelvo a encontrar mi azul...* No fim, Fuentes disse: «Poetas como Alberti e Neruda convertem em poesia tudo o que tocam.» Foi um dia grande para Lanzarote.

**José Saramago**  
*in Cadernos de Lanzarote, volume V*

### Carlos Fuentes

Carlos Fuentes, criador da expressão “território de La Mancha”, uma fórmula feliz que passou a exprimir a diversidade e a complexidade das vivências existenciais e culturais que unem a Península Ibérica e a América do Sul, acaba de receber em Toledo o Prémio D. Quixote. O que se segue é a minha homenagem ao escritor, ao homem, ao amigo. O primeiro livro de Carlos Fuentes que li foi “*Aura*”. Embora não tenha voltado a ele, guardei até hoje (mais de quarenta anos passaram) a impressão de haver penetrado num mundo diferente de tudo o que conhecera até então, uma atmosfera composta de objectividade realista e de misteriosa magia, em que estes contrários, afinal mais aparentes que efectivos, se fundiam para criar no espírito do leitor uma envolvimento em todos os aspectos singular. Não foram muitos os casos em que o encontro de um livro tenha deixado na minha memória uma tão intensa e perene

lembrança. Não era um tempo em que as literaturas americanas (às do Sul me refiro) gozassem de um especial favor do público ilustrado. Fascinados desde gerações pelas lumières francesas, hoje empalidecidas, observávamos com certa displicência (a fingida displicência da ignorância que sofre por ter de reconhecer-se como tal) o que se ia fazendo para baixo do rio Grande e que, para agravar a situação, embora pudesse viajar com relativo à vontade a Espanha, mal se detinha em Portugal. Havia lacunas, livros que simplesmente não apareciam nas livrarias, e também a conflagradora falta de uma crítica competente que nos ajudasse a encontrar, no pouco que ia sendo posto ao nosso alcance, o muito de excelente que aquelas literaturas, lutando em muitos casos com dificuldades semelhantes, iam tenazmente elaborando. No fundo, talvez houvesse uma outra explicação: os livros viajavam pouco, mas nós ainda viajavamos menos. A minha primeira viagem ao México foi para participar, em Morelia, num congresso sobre a crónica. Não tive então tempo para visitar livrarias, mas já começara a frequentar com assiduidade a obra de Carlos Fuentes através, por exemplo, da leitura de livros fundamentais, como foram os casos de “La región más transparente” e “La muerte de Artemio Cruz”. Tornou-se-me claro que estava ali um escritor de altíssima categoria artística e de uma incomum riqueza conceptual. Mais tarde, um outro romance extraordinário, “Terra nostra”, rasgou-me novas perspectivas, e daí em diante, sem que seja necessário referir aqui outros títulos (salvo “El espejo enterrado”, livro de fundo, indispensável a um conhecimento sensível e consciente da América do Sul, como sempre preferi chamar-lhe), reconheci-me, definitivamente, como devoto admirador do autor de “Gringo Viejo”. Conhecia já o escritor, faltava-me conhecer o homem. Agora, uma confissão. Não sou pessoa facilmente intimidável, muito pelo contrário, mas os meus primeiros contactos com Carlos Fuentes, em todo o caso sempre cordiais, como era lógico esperar de duas pessoas bem educadas, não foram fáceis,

não por culpa dele, mas por uma espécie de resistência minha a aceitar com naturalidade o que em Carlos Fuentes era naturalíssimo, isto é, a sua forma de vestir. Todos sabemos que Fuentes veste bem, com elegância e bom gosto, a camisa sem uma ruga, as calças de vinco perfeito, mas, por ignotas razões, eu pensava que um escritor, especialmente se pertencia àquela parte do mundo, não deveria vestir assim. Engano meu. Afinal, Carlos Fuentes tornou compatível a maior exigência crítica, o maior rigor ético, que são os seus, com uma gravata bem escolhida. Não é pequena cousa, creiam-me.

**José Saramago**  
**in *O Caderno de Saramago***  
**(14 de Outubro de 2008)**



**João Cabral de Melo Neto**

***Morte e Vida Severina e  
Outros Poemas em Voz Alta***

**José Olympio Editora**

**1991 (29ª ed)**

**Comprado na livraria Esperança  
(Funchal, Madeira; 8.00 euros)**

O cartão de visita da Livraria Esperança, no Funchal, são as centenas de milhares de livros expostos com as capas bem visíveis numa área que facilmente se confunde com um labirinto, mas é, sobretudo, a enorme probabilidade de se encontrar aquele livro que se perseguia há algum tempo e que livraria alguma sabia onde encontrar. Desde que a edição esteja escrita em português e o livro não esteja esgotado na editora, a Esperança tem. E foi assim que *Morte e Vida Severina e Outros Poemas em Voz Alta*, de João Cabral de Melo Neto, foi avistado no Funchal, na 29ª edição da José Olympio Editora, com data de 1991.

Com o texto que apelidou de Auto de Natal Pernambucano, João Cabral de Melo Neto resgatou temas e estruturas poéticas de tradição regionalista e criou a obra que acompanha a migração de Severino em direção ao Recife, um percurso que, de tantas vezes realizado, em condições de pobreza semelhantes e independentemente do sítio de origem e do local de chegada, se assume como símbolo

de todas as demandas por vidas menos miseráveis e mais esperançosas.

No caminho do interior para o litoral, Severino carrega a vontade de abandonar uma vida onde se morre “de velhice antes dos trinta,/ de emboscada antes dos vinte,/de fome um pouco por dia/ (de fraqueza e de doença/ é que a morte severina/ ataca em qualquer idade,/ e até gente não nascida).” Tantos anos passados sobre a primeira edição do texto, em 1955, não retiraram a uma das obras menos herméticas do autor, marcada pelos ecos da poesia popular nordestina, pelas temáticas que fizeram escola na prosa regionalista da época e pela releitura da poesia medieval europeia, a capacidade de constante atualização que só as grandes obras nunca perdem. É impossível não ver em Severino um homem sem fazenda, instrução ou perspectivas de futuro, num nordeste brasileiro marcado pela seca e numa época em que a miséria não tinha outras atenuantes que não a procura de um novo local para recomeçar. Mas na voz de João Cabral de Melo Neto, Severino não é apenas o retirante nordestino que caminha em direção ao litoral numa determinada época da história do Brasil, transportando apenas a vontade de trabalhar e a luta indomável pela sobrevivência. Ele é, também, todos os migrantes de todos os séculos e países, e nos seus passos retumbam as mesmas dores e as mesmas esperanças. Alcançar essa universalidade e essa intemporalidade através de versos onde as misérias de um certo nordeste brasileiro são, simultaneamente, elementos temáticos e estrutura formal só confirma o muito que já se escreveu sobre a genialidade do poeta do Recife.

**Sara Figueiredo Costa**



## Projetos pelo mundo

### Os burros do planalto mirandês: preservação e sustentabilidade



A proteção das espécies animais e vegetais é uma tarefa essencial para assegurar que a biodiversidade não se reduz drasticamente, afetando o equilíbrio dos habitats naturais e dos ecossistemas. Mais do que a dedicação emocional a um determinado animal ou planta, as campanhas de preservação ambiental apelam à conservação de relações que envolvem animais, plantas e seres humanos, ou seja, elementos estruturais da comunidade, do ecossistema e da sustentabilidade. Foi com essa consciência que surgiu a Associação para o Estudo e Proteção do Gado Asinino (AEPGA), em Trás-os-Montes (Portugal), tal como explicaram à *Blimunda* Joana Braga e Miguel Nóvoa,

dois dos seus sócios: “A AEPGA surgiu em 2001, através de uma iniciativa do PNDI - Parque Natural do Douro Internacional e de um grupo de pessoas da região, preocupado em valorizar o gado asinino, concretamente a Raça Asinina de Miranda, e a conservação desta população. Desde cedo foi possível compreender que apenas faria sentido recuperar a raça do Burro de Miranda, conservando e valorizando também a cultura da região de onde o burro é originário.” Atualmente, a AEPGA tem dois mil e quinhentos sócios e, durante todo o ano, conta com a participação de cerca de três dezenas de voluntários, elementos essenciais para o desenvolvimento das atividades da associação e para a manutenção dos trabalhos regulares.

As populações de Miranda têm com os burros uma relação muito antiga, não só pela presença da espécie na região, mas sobretudo porque os animais integraram desde muito cedo as atividades económicas locais, sobretudo a agricultura, mas igualmente o comércio e a deslocação de pessoas e bens num território com zonas de difícil acesso. Domesticados pelo Homem há cerca de 5000 anos, os burros sempre contribuíram, com a sua força de tração e a sua boa relação com o ser humano, para a concretização de trabalhos que, de outro modo, seriam muito difíceis de realizar. Miranda não é exceção e a raça autóctone que ali se desenvolveu tem sido essencial para o desenvolvimento local. Reconhecendo o seu papel na cultura e na organização social mirandesas, a AEPGA construiu um projeto que vai muito além da preservação de uma espécie animal, compreendendo que a raça asinina constitui um elemento fundamental da cultura tradicional mirandesa e na sua constante atualização, oferecendo, igualmente, oportunidades de desenvolvimento em áreas de criação mais recente, como o eco-turismo. “O nosso pensamento é a conservação de uma raça e a sua necessário valorização para um longo prazo, que para cada um de nós pode representar vinte anos, cinquenta anos ou mesmo cem anos, e neste sen-

tido a nossa principal preocupação é inserir o burro novamente na cultura, quer seja nos usos tradicionais como nos novos usos. Reconhecemos que a população da raça tem uma idade avançada, mas conseguimos importantes mudanças havendo neste momento um número de nascimentos motivador, mas a grande preocupação é rejuvenescer a população de criadores do Burro de Miranda, apostar num grande número de explorações com poucos animais, bem tratados e estimados e evitar a conservação em quintas com números elevados de animais que estarão sempre mais dependentes de outros fatores. Interessa-nos conservar o burro pela sua relação homem-animal.”



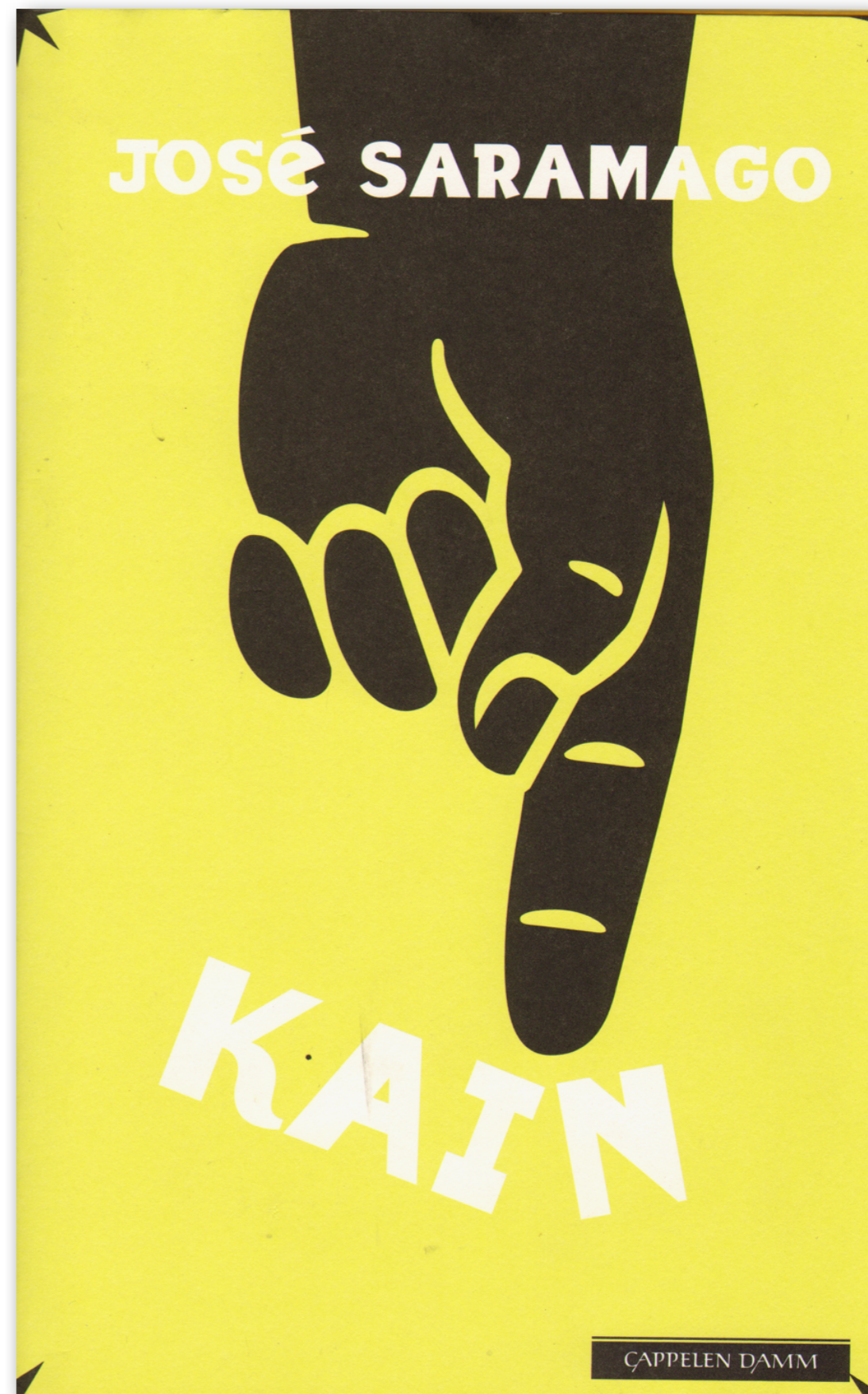
Essa relação é visível no trabalho diário com os animais e os seus criadores, mas igualmente na divulgação das características do burro mirandês, indissociável da cultura que o viu nascer e que com ele se desenvolveu.

Os trabalhos agrícolas, a comunicação entre aldeias ou o transporte de mercadorias, mas igualmente as festas, a literatura de transmissão oral ou a arquitetura popular da região têm com o burro mirandês uma relação indissociável, pelo que a sua preservação, mais do que a continuidade de uma determinada espécie, representa a preservação de um modo de vida e de um património sócio-cultural. Ou, nas palavras de Joana Braga e Miguel Nóvoa, “o Burro de Miranda é o símbolo da qualidade de vida da região e a AEPGA tem a preocupação de o conservar dentro do seu próprio contexto cultural.”

## De relance

A capa de um livro pode assumir leituras muito diversas em função dos olhos que a observam. Se para o departamento de marketing de uma editora a capa é a embalagem que vai divulgar e, preferencialmente, vender o livro, para o leitor bibliófilo é a porta de entrada, bem ou mal sucedida, para um universo onde anseia perder-se. Para o livreiro é um elemento fundamental na arrumação do seu espaço de venda e para o técnico da gráfica pode ser uma dor de cabeça, caso as cores pedidas não se misturem da maneira exata. Inaugurando um espaço de conversa com designers responsáveis pelas capas dos livros de José Saramago, escolhemos a edição norueguesa de *Caim* (*Kain*), desenhada por Marianne Zaitzow para a editora Cappelen Damm. A ideia é trazer um pouco de luz ao processo complexo e nem sempre pacífico de criar, desenhar e fixar uma capa, conjugando as indicações do editor, as eventuais sugestões do autor, a linha gráfica de uma determinada coleção, a fidelidade ao conteúdo do livro e, muitas vezes, a necessidade de distinção entre os milhares de outras capas que povoam as livrarias. Numa troca de e-mails, Marianne Zaitzow falou à *Blimunda* sobre o seu processo de trabalho durante a concepção da capa de *Kain*.

Sobre um fundo amarelo, pontuado, nos quatro cantos, por pormenores que parecem indicar pequenos rasgões, como se a capa fosse um poster preso por pregos numa parede, uma mão de dedo em ris-te abala as letras que compõem o título do livro. A imagem é estilizada, construída através da técnica do stencil, e não precisa de mais pormenores do que a forma e a cor, negro, para transmitir uma força pictórica que tem correspondência direta com o conteúdo do romance de Saramago. A mão de Deus, primeira e mais óbvia leitura desta capa, é igualmente a mão do autor, como explica Marianne



Zaitzow: “A mão foi a minha primeira ideia para a imagem da capa. Normalmente, trabalho a ideia de uma capa durante muito tempo, até estar convencida de ter captado a essência do livro. Neste caso, a mão remete para Deus e para a história bíblica de Caim, mas é igualmente a mão do próprio Saramago, esmagando o nosso entendimento comum da *Bíblia*.” Portanto, quem não conhecesse o autor e encontrasse este livro, com esta capa concreta, numa livraria, teria como primeira mensagem a certeza de não encontrar a história de Caim tal como é contada na *Bíblia*, mas uma outra, talvez desconcertante, a julgar pelas letras do título em quase derrocada.

Esta estrutura só foi possível pelo facto de a designer ter beneficiado de total liberdade no que respeita à colocação dos elementos constituintes da capa do livro. O único elemento que foi definido pelo editor foi o logotipo da editora e o seu posicionamento na capa. De resto, pude colocar todos os elementos onde quis colocar. É certo que a situação mais comum é o nome do autor e o título surgirem no topo, mas neste caso creio que a o conceito da capa é reforçado pela colocação do título em baixo”.

Para as letras, Marianne Zaitzow escolheu o tipo Bad Type, “porque tem aquela aparência simples e *naif* que parece ter sido desenhada à mão e, apesar disso, é forte, poderoso. Na verdade, é uma parte muito importante de toda a imagem.” Essa aparência manual ganha leitura quando se relaciona com a imagem da mão, já que a técnica do *stencil* é, igualmente, uma técnica com componente manual preponderante, e mesmo as suas reproduções em computador, graças a programas de desenho preparados para replicarem os gestos e os processos de técnicas artesanais, não perdem essa vertente.

Descrevendo o seu processo de trabalho a partir de um exemplo sem relação com o design, Mariann Zaitzow destaca a relação profunda e bilateral que a capa deve estabelecer com o livro a que ser-

ve de rosto: “A capa está muito relacionada com o título do livro. Como designer, acho importante contar a história do livro na capa. A minha função é ser a 'voz' do autor, não a minha própria voz. É como se tivéssemos de vestir outra pessoa. Temos de a conhecer, saber quem é, como pensa, como trabalha, onde vive. Não vamos vestir um vestido a um homem que trabalha como mineiro...” No caso de *Kain*, o efeito foi bem sucedido e aquilo que parece uma 'desarumação' dos códigos habitualmente utilizados no registo de um título é, na verdade, um efeito visual capaz de resumir parte considerável da essência deste romance de José Saramago. A roupa adequada, portanto.

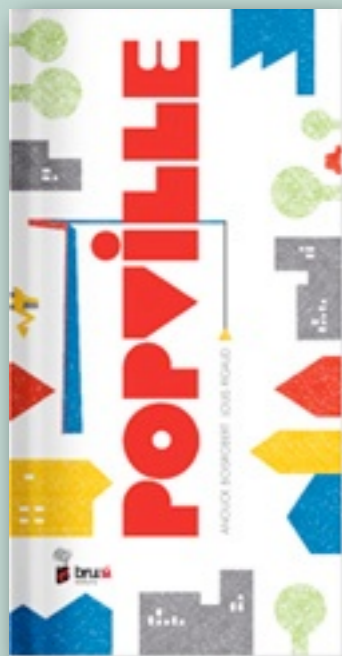
# Livro infantil e promoção da leitura

---

A cidade como espaço de utopias e distopias:  
Em quatro álbuns analisam-se perspectivas utópicas  
e realistas do espaço urbano;  
Medellín, o paradigma da Biblioteca  
como agente de inclusão social.

## Agir na Cidade: construir, transformar, sobreviver

A cidade enquanto tema não ocupa um lugar de destaque no álbum de recepção infantil. A espacialidade tende a refletir um universo limitado e reconhecível: a casa, a escola, o quarto, a rua, o jardim, ou a desafiar para um lugar maravilhoso e onírico. A escolha de animais para personagens das narrativas desloca os acontecimentos para o seu espaço natural, pelo que o bosque, a floresta, o mar ou o campo aparecem recorrentemente.



*Popville*<sup>1</sup> (Anouck Boisrobert; Loius Rigaud; Bruaá, 2010) é, neste contexto, um livro original, em primeiro lugar por escolher a cidade como mote, depois pela sua ambiguidade quanto à intenção e consequente realização: a relação entre a narrativa do pop-up e a narrativa textual abre-se à plurissignificação. Há ou não uma utopia na construção de uma cidade?

Se no início apenas uma estrada desemboca num campanário, a cada nova página surgem casas, e fábricas, e novas estradas, e um caminho de ferro, e cabos de alta tensão, e mais prédios, e um reservatório, e autocarros, monumentos, carros da polícia e de bombeiros. No texto que amplia o livro, Joy Sorman conclui: “Chega-se lá por autoestradas recém construídas e lisas como a lava, as pessoas comprimem-se lá, vivem lá em comunidade, aquela que alcançou o seu grande projeto: construir.” Não há figuras humanas, no livro. Esse vazio, preenche-o o leitor, imaginando tudo o que será necessário

para erigir a cidade perfeita. Numa espécie de work in progress, o livro não tem um final fechado, podendo ser acrescentado, alterado, remodelado na imaginação de cada um.

**A construção é, por isso e para além disso, uma utopia individual que expressa uma necessidade do indivíduo se agrupar. Construir uma cidade a partir de um campanário isolado é a oportunidade de materializar, a partir do zero, um ideal (neste caso urbano).**

Eventualmente, haverá quem não se identifique com o resultado a que o livro chega, mas não deixa de sentir um misto de surpresa e reconhecimento a cada página que se volta. O elemento mais programático da obra é sem dúvida o texto que sucede a narrativa visual a três dimensões de construção da cidade que, através do uso predominante das cores primárias, aproxima ainda mais esta obra de qualquer jogo de construção, em que o poder de fazer é tão ilimitado quanto a imaginação de quem faz, estando apenas sujeito às peças existentes e ao espaço disponível. Mas ambas as condicionantes parecem de somenos importância para tamanha liberdade.

*Siga a Seta!*<sup>2</sup> (com texto de Isabel Minhós Martins e ilustração de Andrés Sandoval) escolhe um momento quase antinómico, ao narrar uma história de libertação numa cidade organizada por setas que limitam os passos de quem lá vive e se desloca: “Na Cidade das Setas ninguém se perdia. Estivessem em casa ou estivessem na rua, as pessoas encontravam sempre uma seta que lhes dizia para onde ir e o que fazer a seguir. Todos sabiam

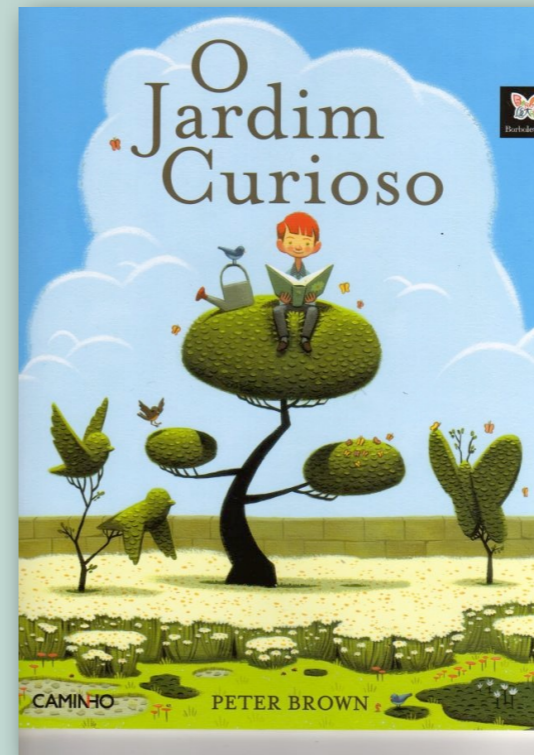


o seu rumo e não havia sobressaltos.” Da crítica ao medo de arriscar, e à ausência de curiosidade pelo desconhecido, o livro prossegue, piscando o olho ao Big Brother orwelliano, nas palavras e atos da Comissão de Especialistas que zela criteriosamente pela circulação. Apesar dessa ordem imposta e aceite, o espaço não se mostra menos assoberbado. Logo no início do álbum, o mapa da cidade apresenta-se caótico, entre altos edifícios de formas *sui generis* e ruas que se cruzam vezes sem conta, todos ligados por setas de tamanhos e feitios a gosto.

**A ideia da distopia urbana associada ao futurismo tecnológico assenta como uma luva a esta narrativa, em que o herói, um menino curioso, decide explorar os espaços vazios, que as setas pretendem ignorar.**

Assim descobre um urso que toca piano, a praia no inverno e uma raposa que o cura de um ferimento na perna. Mas, acima de tudo, consegue observar de novos ângulos aquilo que se habituara a ver de uma única perspectiva, pelos caminhos indicados pelas setas. E o espaço torna-se mais amplo e vazio, sem a profusão de construção que aquele sistema lhe impunha. O rapaz toma para si uma missão revolucionária: a de roubar as setas e devolver às pessoas a possibilidade de verem o que já descobriu. E, como a mudança é lenta, não consegue que todos lhe sigam o exemplo: “As placas não tardaram a voltar aos seus lugares. Mas, desde então, o rapaz encontra cada vez mais pessoas nos intervalos entre as setas. Mas não muitas... Sabem porquê? Porque quando começa a haver muita gente no mesmo espaço, logo aparece a Comissão de Especialistas a pôr milhares de indicações, estragando toda a magia do lugar (e fazendo com que os aventureiros corajosos que por lá andam também fujam a sete pés!).” Assim se fecha o álbum, reiterando a importância de quem arrisca. Os “aventureiros corajosos” do subtítulo serão agora

mais do que no início, quando apenas um menino teve a coragem de se aventurar pelo desconhecido.



Por seu turno, Jorge, de *O Jardim Curioso*<sup>3</sup> (Peter Brown, Caminho, 2010), consegue motivar mais pessoas para continuarem a sua intervenção. A defesa da ecologia é aqui a grande missão do rapaz que não se resigna a viver numa cidade sem jardins. Ao explorar uma linha férrea abandonada descobre uma réstia de natureza que luta por sobreviver. Com empenho, Jorge dedica-se não apenas a salvar aquelas ervas mas a expandir o jardim ao longo dos carris abandonados. E, tal como as ervas abrem caminho

às flores por entre muros, frestas, paredes e passeios, também a cor toma o seu lugar, mudando radicalmente o aspeto inicial da cidade, cinzenta e castanha, cheia de chaminés e fumos escuros e espessos.

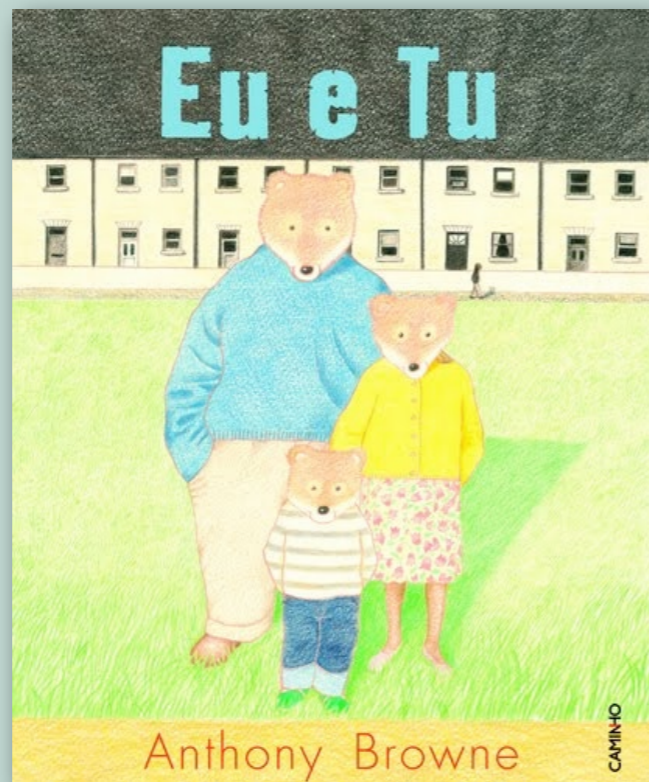
**Os pormenores visuais das ilustrações, que conjugam o abandono dos edifícios com as heras, os musgos, as sebes, as borboletas e as abelhas, sempre em crescendo, são o grande potenciador ideológico do álbum, que apresenta o espaço em mudança.**

A duração e a persistência no tempo são o segredo do sucesso desta história, que por fim nos apresenta Jorge adulto, com a sua família, a cuidar do jardim da linha férrea. Também aqui, como em *Siga a Seta!*, a utopia só se realiza com a ajuda de todos, e a perspectiva do autor oferece ao leitor um final feliz: “Mas as coisas mais surpreen-

dentos que apareceram foram os novos jardineiros.” Na última página dupla que, como tantas outras ao longo do álbum, não tem texto, o plano geral da cidade é o mesmo da página dupla que abre o livro, mas os jardins proliferam, alterando radicalmente a sua aparência. Para além disso, se no ponto de partida, as pessoas não saíam de casa, no final, as pessoas desfrutam dos seus espaços verdes, brincam, leem, jardinam, cultivam, observam, passeiam. Neste desfecho reúnem-se todos os planos de pormenor dos terraços, escadas, prédios e ruas da cidade, que se foi transformando a cada vinheta. A utopia completa-se e materializa-se.

Das quatro leituras propostas, a adaptação da história tradicional “A menina dos caracóis de ouro e dos três ursos” por Anthony Browne em *Eu e Tu*<sup>4</sup> (Caminho, 2010) será a que nos mostra de forma mais realista o lado distópico da cidade. A originalidade do reconto assenta na perspetiva da menina, cujo comportamento é enquadrado e assim de algum modo justificado. Se os três ursos vivem felizes na sua casa amarela rodeada de verde, em contrapartida, o bairro que a menina atravessa, ao acaso, desde sua casa, é cinzento e degradado, grafitado, com vidros partidos e arame farpado.

**Ao optar pelos tons cinza na narrativa visual que acompanha a rapariga ao longo das páginas pares, em contraste com as cores suaves que compõem a casa e o parque por**



**onde a família de ursos passeia, o autor não se furta a comparar duas realidades antagónicas: a da harmonia e a da fragilidade social que a cidade espelha nos seus habitantes.**

O balão perdido, que é o móbil para a aventura da menina pela cidade, rapidamente se perde dando posteriormente lugar à curiosidade de explorar uma casa tão afável. Todavia, esse espaço de conforto nunca é apresentado, aos seus olhos, com as cores com que a família de ursos o vê, porque não é o seu. Também a roupa, com as calças e o casaco de capuz, que apenas deixa entrever uma faixa de cabelo louro (o referente que a identifica como a menina dos caracóis de ouro) a conotam com a cultura de uma urbe onde a singeleza do idílico não está presente.

Depois de descoberta na cama do pequeno urso e de se pôr em fuga, surge a imagem do narrador à janela, questionando-se “Que será que lhe aconteceu?”, destacando um sentido de preocupação e surpresa por parte desta outra criança (o urso). O contorno da floresta na sombra, por trás dele, sugere que pertence a um outro universo.

Ao colocar lado a lado, através do diálogo das ilustrações, dois locais antagónicos, Browne amplia as diferenças não apenas entre os espaços utópicos e distópicos da cidade, mas também entre a utopia da literatura e a distopia da realidade.

Através dos exemplos destes quatro álbuns pressente-se uma tendência utópica no tratamento das questões sociais, ambientais, políticas, que podem ter a urbe como pano de fundo e como principal interveniente. Não será uma tendência específica desta temática e sim uma abordagem otimista que liga bem com o seu destinatário ideal. Não se escondem assuntos menos óbvios, sequer menos agra-



dáveis, mas convida-se o leitor a refletir e a agir. A distopia urbana pós moderna é por demais delicada e é preciso mestria no seu tratamento, como faz Browne. O que, obviamente, não surpreende.

<sup>1</sup> Edição original: *Popville*, Hélium Éditions, 2009, França

<sup>2</sup> Edição original: *Siga a Seta!*; Planeta Tangerina, 2010, Portugal

<sup>3</sup> Edição original: *The Curious Garden; Little, Brown and Company*, 2009, EUA

<sup>4</sup> Edição original: *Me and You*; Random House Children's Books, 2009, Reino Unido

**Andreia Brites**

## Chegar aos lugares, chegar às pessoas

O número de Bibliotecas na cidade de Medellín (Colômbia) é assombroso: vinte e uma Bibliotecas povoam a malha urbana, chegando a toda a população. Toda não significa um excesso de linguagem e sim uma intenção e uma prática política de sucesso.

No site da Red de Bibliotecas pode ler-se nos objetivos específicos: “Permitir que las bibliotecas lleguen a los hogares”.

Para isso estabeleceu-se um programa de construção de parques-bibliotecas em cinco bairros carenciados da cidade, onde esta estrutura passou a representar o principal núcleo de inclusão, combatendo ativamente a violência inerente ao narcotráfico, um dos maiores flagelos sociais de Medellín.

O projeto tem características muito inspiradoras.

Em áreas de cerca de 11.000 metros quadrados, os espaços destinados às Bibliotecas ocupam aproximadamente 3.400 metros quadrados divididos por uma área de formação cultural, um auditório e os serviços destinados ao livro, audiovisual, periódicos e computadores. Todos os edifícios, cuja construção é da responsabilidade do Município, têm a assinatura de um arquiteto, destacando-se na paisagem periférica e pobre, enriquecendo-a e funcionando como motivo de orgulho para a sua população. Funciona em parceria com duas das Caixas de Compensação Familiar - Comfama e Comfenalco.

A Comfama e a Comfenalco assumem a gestão administrativa e a programação, o trabalho técnico funciona através de um convênio com o município.

Estas instituições são deveras importantes na intervenção social, desenvolvendo também atividade na área da saúde, bibliotecas, turismo, desporto, crédito e subsídios. Todos os empresários são obrigados a ser sócios de uma destas caixas de compensação, entregando-lhe 4% da receita mensal. As suas bibliotecas integram a rede de Bibliotecas Públicas, tendo as mesmas funções e estando articuladas segundo as mesmas regras de tratamento técnico, de programação e de formação.

Esta é uma das soluções que permite ao Município ter tantas bibliotecas, que conseguem o pleno de uma estrutura em rede, que permite, por exemplo, o empréstimo entre bibliotecas e uma atuação direcionada para o público específico de cada realidade geográfica.

### Do Bibliomóvel à rede de Bibliotecas



Mas esta não foi a primeira medida para aproximar as pessoas da biblioteca. Muito antes, na década de cinquenta, logo após a construção da Biblioteca Pública Piloto de Medellín (a segunda Biblioteca Piloto da UNESCO), os livros e os periódicos começaram a chegar a fábricas, hospitais e outras instituições estatais, através de caixas de leitura e do bibli-

omóvel que não só levava os livros como educava e motivava a população para a utilização do serviço. Chegado ao local, o bibliomóvel anunciava:

**“Todas as semanas virá a este lugar a biblioteca móvel e permanecerá aqui por duas horas com livros para emprestar por quinze dias a todos os que os queiram ler e educar-se. Para requisitar os livros por quinze dias é necessário vir à biblioteca móvel e registrar-se como leitor, obter o cartão correspondente e comprometer-se a tratar bem os livros.”**

Desde logo assumiu-se, com realismo, que as classes trabalhadoras não se deslocariam ao edifício da Biblioteca Pública Piloto, e esse princípio foi o ponto de partida para a oferta de soluções ajustadas à realidade social da cidade, sem nunca perder de vista que o principal objetivo desta Biblioteca era o de resolver os problemas de educação da região, nomeadamente a erradicação do analfabetismo. Assim, desde as salas de entrada das fábricas ao aeroporto, à maternidade e aos cafés, os livros e periódicos chegaram um pouco a todo o lado, operando uma revolução até à década de 70, quando uma grave crise económica obrigou a que alguns destes programas, entre os quais o bibliomóvel, terminassem.

No entanto, algumas das salas de leitura que entretanto nasceram chegaram à atualidade, integrando hoje o Sistema de Bibliotecas Públicas do Município de Medellín, agrupadas à Biblioteca Pública Piloto, que funciona como Biblioteca Central.

Hoje, a BPP conta com um convénio com dezasseis entidades no âmbito da promoção da leitura, para que esta possa ser articulada, dirigindo-se de formas específicas a cada público. A oferta de atividades é imensa, desde oficinas de escrita a horas do conto, passando pela formação cívica e profissional, por clubes de leitura, concursos, cinema, encontros com escritores e muitos outros projetos. O Programa Institucional de Promoção da Leitura e da Escrita, que também pode ser consultado no site da BPP, funciona hoje como agregador de todos os projetos, analisando

os seus objetivos, estratégias e resultados e dando-lhes assim a visibilidade que merecem.

### **O espaço forma as pessoas, as pessoas formam o espaço**

Para chegar a todas as geografias, e para além dos recém criados Parques Bibliotecas (o primeiro dos quais, o Parque Biblioteca Santo Domingo Sávio, foi inaugurado em 2007), a BPP contava já com seis polos, todos eles integrados nos bairros que servem, aproveitando espaços disponíveis e chegando à sua população, seja ela escolar ou adulta, numa relação de proximidade.

Um desses exemplos é a Biblioteca Tren de Papel - Carlos Castro Saavedra, que não é nada mais nada menos que um conjunto de carruagens antigas, reaproveitadas e adaptadas ao serviço de biblioteca.



Para além do fundo, há um conjunto de computadores e acesso à internet, assim como diversas atividades que se realizam ora dentro das car-

ruagens, ora ao ar livre, sob a proteção de um grande toldo: oficinas literárias, de pintura, de guitarra são algumas. A Biblioteca serve, desde 1979, diversos bairros da cidade de Medellín e outros tantos de Bello.

A relação afetiva da população com estes espaços é evidente: na Biblioteca Publica Centro Occidental, a sala de leitura tem o nome de Refúgio.

**Quando, entre 1990 e 2000, a zona da Comuna 13, uma das mais pobres e violentas da cidade, vivia um conflito armado cerrado, a população refugiava-se na Biblioteca. Depois de muitas idas e partilhas, a comunidade não só sente o espaço como seu, como não deixa esquecer o que por lá se passou.**

Essa é aliás, uma das grandes missões que as Bibliotecas assumem para si: o de trabalhar continuamente a memória coletiva, para que os traumas se superem, mas essencialmente para que se fortaleçam os laços de uma identidade muitas vezes adormecida pelo tráfico e pelas lutas armadas. O trabalho em torno da memória implica as próprias bibliotecas na história da cidade, tecendo uma narrativa que é comum, na partilha de momentos mais difíceis e outros mais felizes.

### **La Piel de La Memoria**

Neste sentido, o projeto que mudou o rumo de uma das zonas mais problemáticas de Medellín foi La Piel de la Memoria. Um autocarro foi convertido num Museu Ambulante, que percorreu diversas zonas do bairro de Antioquia, dando a ver aos seus habitantes a memória coletiva que resultou da recolha dos seus objetos. Tudo começou com a antropóloga Pilar Riano Alcala e um conjunto de ativistas pela paz, artistas e algumas organizações civis que desafiaram um conjunto de jovens, oriundos de zonas rivais de Antioquia, a participarem no Museu. A cada um caberia a responsabilidade de recolher junto de alguns moradores de cada bairro um ou mais objetos que representassem a sua memória, fosse ela social ou pessoal. Os jovens tiveram assim oportunidade de conhecer vizi-



nhos que nunca tinham visto, ou em quem nunca tinham reparado, e ouvir as suas histórias, no momento da recolha. Depois das centenas de objetos recolhidos, estes foram agrupados em vitrines com luz, dentro do autocarro modificado: desde objetos religiosos, a peluches, fotografias de vítimas de violência no bairro, gira-discos, balas... Finalmente, o autocarro percorreu diversas ruas da zona, para que todos o pudessem visitar.

**Do projeto nasceu o conhecimento do passado, erigiu-se uma memória que estava fragmentada e isolada, muitas vezes de costas voltadas pelas rivalidades entre bairros, e um sentido de identidade que contribuiu para a paz, especialmente entre os jovens.**

Como explicou a própria Pilar Riano Alcala, a Memória tem uma pele, e essa pele está nas histórias dos objetos expostos, que agora são partilhadas pelos que as contaram, os que as ouviram, e os que viram o Museu.

A criação da rede de bibliotecas é um projeto político, que disponibiliza verbas e recursos para o efeito. A consciência política permite aos técnicos, no terreno, trabalharem efetivamente na criação e desenvolvimento de projetos continuados que levam a população às bibliotecas, envolvendo-a em atividades que elevam a sua autoestima, a sua consciência soci-

al, o seu sentido de comunidade. Seja qual for o nível profissional dos elementos das equipas de biblioteca, todos têm formação sócio-política, o que diz muito acerca dos princípios que orientam as funções das bibliotecas. A inclusão faz-se sem imposição de um modelo e sim pela relação que se vai estabelecendo, sendo a Biblioteca um espaço dinâmico e versátil, que começou por sair de portas para depois receber a sua comunidade num lugar que esta não pode deixar de sentir como seu. Mais do que serviços, formação ou espetáculos, estes centros culturais funcionam na base de uma relação de proximidade que gera a confiança imprescindível para que a mediação dê frutos.

**AB**

## Destques

### O lugar do monstro



Maurice Sendak é, para muitos, o pai do picture book moderno. Quando, em 1963, concebe o seu mais famoso livro, *Where the Wild Things Are*, dá a Max uma densidade psicológica invulgar para a época. De tal forma que a personagem passa a representar um paradigma da complexidade do universo infantil, dos seus medos, dos seus jogos de poder, dos seus desejos. A este livro de rutura, seguiram-se *In The Night Kitchen* (1970) e *Outside Over There* (1981). Para além desta trilogia,

que o tornou um autor incontornável, o americano de origem polaca ilustrou cerca de cem livros infantis.

A sua qualidade valeu-lhe os maiores Prémios nesta área: venceu, por duas vezes o Caldecott Medal (1964, 1974), foi-lhe atribuído o Hans Christian Andersen (1970) e finalmente ganhou o Astrid Lindgren Memorial, no primeiro ano de existência do galardão, em 2003.

Lutava contra a estigmatização do livro infantil e contra a inferioridade a que eram sujeitos escritores e ilustradores que trabalhavam com este público. Recusava-se a mentir às crianças e acreditava que as respeitava nos seus livros, tratando-as como elas são.

Maurice Sendak morreu no dia 8 de maio, aos 83 anos. Depois de quase trinta anos sem editar, deixou ao público uma última obra, *Bumble-Ardy*.

### Prémio Nacional de Ilustração para Maria João Worm



Maria João Worm (1966) venceu a 16ª edição do Prémio Nacional de Ilustração de Portugal, referente a obras de ilustradores portugueses publicadas em 2011. *Os Animais Domésticos* (Quarto de Jade) é um livro harmónico, que retrata um conjunto de animais no desempenho das mais básicas tarefas domésticas, recorrendo à linogravura e a uma paleta reduzida de cores, onde o rosa predomina. Cada imagem é acompanhada por uma legenda caligrafada, que a torna ainda mais polissémica: “1 Porco passa a ferro se 1 peixe borrifar a roupa” ou 2 Cágados limpam os rodapés de uma sala pequena”. A

autora tem uma vasta obra dispersa entre a pintura, gravura, banda-desenhada e ilustração em diversas editoras independentes.

Foram ainda atribuídas duas Menções Especiais: a António Manuel Saraiva, pelas ilustrações de *Cesário Verde, Antologia Poética* (Kalandraka) e a Catarina Sobral por *Greve* (Orfeu Negro). A Direção Geral do Livro e das Bibliotecas, responsável pelo Prémio, destacou ainda as ilustrações de André Letria em *Se eu fosse um livro* (texto de José Jorge Letria, edições Pato Lógico).

Para além do valor pecuniário do Prémio, quer a vencedora, quer os distinguidos com menções especiais receberão 1500 euros para que possam estar presentes na Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha, à imagem do que acontece todos os anos.

<http://www.quartodejade.com/hp.php>

### **A girar há vinte e cinco anos**

A Revista Peonza faz vinte e cinco anos, publicando o seu centésimo número. Dedicada à leitura e ao livro infantil e juvenil, a revista de Santander (Espanha) consegue a proeza de nunca ter claudicado, num universo tão pouco reconhecido. O projeto partiu de um conjunto de professores que responderam com um boletim ao apoio que o Ministério da Educação dava para escolas rurais isoladas. O boletim pretendia divulgar a literatura infantil e juvenil e servir de plataforma para a partilha de experiências entre os professores desses grupos e os próprios alunos, especialmente no que respeitava a animação da leitura.

Hoje, a revista trimestral tem uma tiragem de 1000 exemplares, é distribuída para livrarias e pode ser subscrita diretamente no seu si-

te. Os pressupostos são os mesmos que moveram o grupo de professores há um quarto de década: dedicar um espaço à literatura, outro à ilustração, e ainda outro à animação da leitura. No site estão disponíveis as capas e os sumários dos últimos números, cada um subordinado a um tema distinto.

O número 100 conta com o testemunho dos seus autores, um artigo sobre as Oficinas de Ilustração em que o Peonza participava e que já desapareceram, e outro sobre o Salão do Livro Infantil e Juvenil da Cantábria, que também faz parte da história da revista. Há ainda espaço para uma reflexão coletiva sobre os últimos vinte e cinco anos de literatura infantojuvenil, onde constam Teresa Colomer e Teresa Dúran, entre outros.

Longa vida a este Pião.

# PEONZA

<http://www.peonza.es/>

### **Semana dedicada a Guus Kuijer, na Suécia**

É sempre em maio que os vencedores do Prémio ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award) se deslocam à Suécia, para participarem nas atividades dedicadas ao Award Week.

Guus Kuijer teve este ano a oportunidade de partilhar a sua obra juvenil com o público sueco. A 22 de maio, o autor deu uma pequena palestra e fez uma leitura da sua obra. No dia 25, participou na



Conferência Anual Astrid Lindgren, subordinada ao tema “Sobre política e livros infantis, e política nos livros infantis”. A semana encerrou com a cerimónia de entrega do Prémio, no dia 28.

O autor neerlandês, nascido em 1942, tem uma vasta obra destinada maioritariamente ao público juvenil, de entre a qual se destaca *Het boek van alle dingen* (*The book of everything*, na tradução inglesa), em que narra a luta de um rapaz, nos anos 50, que tenta defender-se de um pai

violento e excessivamente religioso. Comprometido com os temas sociais, Kuijer reflete igualmente, pela voz das suas personagens adolescentes, acerca dos grandes temas da humanidade como a violência e a intolerância. Em língua portuguesa pode ler-se *O Livro de Todas as Coisas*, publicado pela editora brasileira Martins Fontes. Em castelhano a Alfaguara publicou *Una Cabeza Llena de Macarrones* e as Ediciones Castillo *El Libro de Todas las Cosas*.

## Do Mundo para o Jornal

“Livros de Palmo e Meio” acaba de nascer. É um jornal pessoal digital sobre Literatura Infantil e Juvenil de todo o mundo, criado pela professora universitária portuguesa Ana Margarida Ramos. A plataforma paper.li permite agrupar vários colaboradores que estejam nas redes sociais, de acordo com temáticas ou palavras-chave que remetam para os assuntos pretendidos. Desta forma, jornal divulga livros, críticas, notícias de congressos, colóquios, encontros, cursos, efemérides, artigos sobre autores ou editoras em várias línguas e a partir de várias geografias. A autora do jornal, que será atualizado entre uma e duas vezes por semana, considera que este é um meio para reunir e selecionar informações pertinentes sobre que normalmente se encontram dispersas nas redes sociais.

O título do jornal reproduz o título de um livro da investigadora, onde se coligem grandes e pequenas reflexões sobre diversas obras da literatura infantil e juvenil portuguesa (*Livros de Palmo e Meio*, Caminho, Portugal).

<http://paper.li/f-1336589161#>



# Saramaguiana

---

Juan José Tamayo,  
*Saramago: Deus, Silêncio do Universo*

# Saramago: Deus, silêncio do universo

*Saramago, bom samaritano*



Juan José Tamayo com José Saramago

Durante os últimos cinco anos da vida de José Saramago tive o privilégio de usufruir da sua amizade, de partilhar experiências de fé e de não-crença, de solidariedade e de trabalho intelectual, em total sintonia. No momento de refletir sobre a sua personalidade, a primeira imagem que espontaneamente me vem à memória é a parábola que na tradição bíblica conhecemos como “O bom Samaritano”, que o evangelho de Lucas narra deste jeito:

“Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu em poder dos salteadores, que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote, que, ao vê-lo, passou adiante. Mas um samaritano que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o encheu-se de piedade. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: “Trata bem dele e o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar”. Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?” O doutor da Lei que lhe tinha feito a pergunta respondeu: “O que usou de misericórdia para com ele.” Jesus retorquiu: “Vai e faz tu também do mesmo modo”. (Lc, 10, 29-37)

Esta parábola é, sem dúvida, uma das mais severas críticas à religião oficial, cheia de leguleio e insensível ao sofrimento humano; uma das denúncias mais radicais contra a casta sacerdotal e clerical, dependente do culto e alheia ao grito das vítimas, e um dos mais belos cantos à ética da solidariedade, da compaixão, da proximidade, da alteridade, da fraternidade-sororidade. Uma ética laica, por fim, não mediada por qualquer motivação religiosa. O sacerdote e o levita, funcionários de Deus, passam ao largo, pior ainda, dão uma volta maior para não auxiliar a pessoa maltratada. O samaritano, que estava fora da religião oficial e era considerado herege pelos judeus, aparece, aos olhos de Jesus e do próprio doutor da Lei, como exemplo a imitar por ter tido entranhas de misericórdia. Pelo seu comportamento humanitário, o herege converte-se em sacramento do próximo; pela sua atitude impiedosa, o sacerdote e o levita tornam-se anti sacramento de Deus; é a religião do avesso ou, se se preferir, a verdadeira religião, a que consiste em defender os direitos das vítimas, em caminhar pelo trilho da justiça e seguir a direção da compaixão. Assim entenderam a religião os profetas de Israel, os fundadores e reformadores das religiões.

## O “fator Deus”

Saramago sempre se declarou ateu, e no seu ateísmo foi um crítico impenitente das religiões, dos seus atropelos, das suas falsidades, sobretudo das guerras e cruzadas convocadas, legitimadas e santificadas por elas em nome de Deus... Já se disse que as religiões, todas elas, sem exceção... foram e continuam a ser causa de sofrimentos inenarráveis, de matanças de monstruosas violências físicas e espirituais que constituem um dos mais tenebrosos capítulos da miserável história humana”. Com a história na mão, quem vai negar tamanha verdade?

Mas a crítica de Saramago vai mais além e chega ao coração das religiões, a Deus mesmo, em cujo nome, afirma, “se permitiu e justificou tudo, principalmente o pior, o mais horrendo e cruel”. E dá como exemplo a Inquisição, que compara com os talibãs de hoje, qualifica como “organização terrorista” e acusa de interpretar perversamente os seus próprios textos sagrados nos quais dizia acreditar, até fazer um casamento monstruoso entre a Religião e o Estado “contra a liberdade de consciência e o direito a dizer não, o direito à heresia, o direito a escolher outra coisa, que é só isso o que a palavra heresia significa”. Esta denúncia de Deus situa-se dentro das mais importantes e incisivas críticas da religião de ontem, como a de Epicuro e Demócrito, a de Jesus de Nazaré e a do cristianismo primitivo, como a dos mestres da suspeita, e de hoje, como a dos cientistas.

Mas, mesmo quando pensa que os deuses só existem no cérebro humano, o prémio Nobel português preocupa-se com os efeitos do “fator Deus” – título de um dos seus mais célebres e celebrados artigos -, que está presente na vida dos seres humanos, crentes ou não, como se fosse dono e senhor dela, se exhibe nas notas de dólar, intoxicou o pensamento e abriu as portas às mais sórdidas intolerâncias. O “Fator Deus” em que se converteu o Deus islâmico nos atentados contra as Torres Gémeas ao grito de “Morte aos infiéis!” de Osama Bin Laden.

Juntamente com a crítica da religião, de Deus e do “fator Deus”, cabe destacar o sentido solidário da vida que caracterizou Saramago. A partir da filantropia e sem qualquer apoio religioso, foi o defensor das causas perdidas, algumas das quais foram ganhas graças ao seu apoio. Cito apenas três, de entre as mais emblemáticas. Uma era a solidariedade para com o povo palestino perante o massacre de que foi objeto entre dezembro de 2008 e janeiro de 2009 por parte do exército israelita que causou 1400 mortos e que o No-

bel português qualificou como genocídio. A segunda, o acompanhamento e apoio à dirigente sarauí Aminatu Haidar durante a sua greve de fome no aeroporto de Lanzarote. A terceira, ter destinado os direitos de autor do seu último romance às vítimas do terramoto do Haiti.

Quando relia *Caim*, vieram-me à memória as palavras de Epicuro: “Vã é a palavra do filósofo que não seja capaz de aliviar o sofrimento humano”. No caso de Saramago, as suas palavras e os seus textos não foram vãos. Foram carregados de solidariedade e de compromisso para com as pessoas mais vulneráveis. Por isso me atrevo a chamar-lhe respeitosamente “bom samaritano”.

### **“Deus é o silêncio do universo”**

“Deus é o silêncio do universo e o ser humano o grito que dá sentido a esse silêncio”. Esta definição que Saramago dava de Deus é uma das mais belas que alguma vez li ou ouvi. Li-a nos seus Cadernos de Lanzarote, de 1993, e dei-a a conhecer por onde quer que eu falasse de Deus. O próprio Saramago o recorda em *O Caderno*:

“Há muitos anos, nada menos que em 1993, escrevi nos Cadernos de Lanzarote umas quantas palavras que fizeram as delícias de alguns teólogos desta parte da Península, especialmente Juan José Tamayo, que desde então, generosamente me deu a sua amizade. Foram estas: “Deus é o silêncio do universo e o ser humano o grito que dá sentido a esse silêncio”. Reconheça-se que a ideia não está mal formulada, com o seu *quantum satis* de poesia, a sua intenção levemente provocadora e o subentendido de que os ateus são muito capazes de se aventurar pelos escabrosos caminhos da teologia, ainda que seja elementar” (Alfaguara, Madrid, 2009, pp. 152-153).

Esta definição merecia figurar entre as vinte e quatro definições – vinte e cinco, com ela – de outros tantos sábios reunidos num Sim-

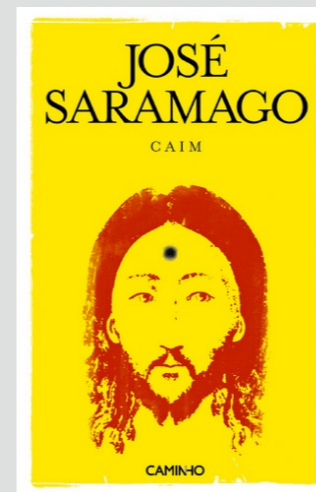
pósio que o *Libro de los 24 filósofos* (Siruela, Madrid, 2000) recolhe, e cujo conteúdo foi objeto de um amplo debate entre filósofos e teólogos durante a Idade Média. Para um teólogo heterodoxo como eu, seguidor das místicas e dos místicos judeus, cristãos, muçulmanos como o Pseudo-Dionísio, Rabia de Bagdad, Abraham Abufalia, Algazel, Ibn al Arabi, Rumi, Hadewijch de Antuérpia, Margarita Porete, Hildegard von Bingen, Mestre Eckhardt, Juliana de Norwich, João da Cruz, Teresa de Jesus, Baal Shem Tov) cristãos laicos como Dag Hammarskjöld, hindus como Tukaram e Mohandas K. Gandhi e não crentes como Simone Weil, é mais que suficiente. Dizer mais seria uma falta de respeito para com Deus, acredite-se ou não na sua existência. “Se compreenderes – dizia Agostinho de Hipona – não é Deus”.

Permitam-me contextualizar a definição tal como a vivi há pouco mais de um lustro. Caminhávamos pelas ruas de Sevilha no dia 11 de Janeiro de 2006, o escritor e prémio Nobel José Saramago, a sua esposa, a jornalista Pilar del Río, hoje entre nós, a pintora Sofía Gandarias e eu em direção ao Paraninfo da Universidade Hispalense para participar num Simpósio sobre Diálogo de Civilizações e Modernidade. Às 9 da manhã, ao passar pela plaza de la Giralda, os sinos da catedral de Sevilha – antes mesquita, mandada construir pelo califa almóada Abu Yacub Yusuf - começaram a repicar loucamente. “Os sinos tocam porque passa um teólogo”, disse Saramago com o seu habitual sentido de humor. – “Não – respondi-lhe no mesmo tom – os sinos repicam porque um ateu está prestes a converter-se ao cristianismo”. Nesse diálogo fugaz, a resposta do romancista português não se fez esperar: “Isso nunca. Fui ateu toda a minha vida e continuarei a sê-lo no futuro”. Veio-me à mente de imediato uma poética definição de Deus que lhe citei sem hesitação: “Deus é o silêncio do universo e o ser humano o grito que dá sentido a esse silêncio”. “Essa definição é minha”, reagiu sem demora o

Prémio Nobel. “Efetivamente, por isso é que a citei – respondi-lhe. E essa definição está mais perto de um místico que de um ateu”. A minha observação impressionou-o. Nunca ninguém lhe tinha dito nada parecido e deu-lhe que pensar, sem que por isso se tivesse deixado levar pela minha ocorrência. Era um homem de convicções profundas.

### Em luta titânica com Deus

Saramago partilhou com Nietzsche a parábola de Zaratustra e o apólogo do Louco sobre a morte de Deus e talvez pudesse assinar por baixo de duas das afirmações mais provocadoras: “Deus é a nossa mais longa mentira” e “o melhor é nenhum deus, o melhor é cada um construir o seu destino”. Talvez tivesse a mesma opinião que Ernst Bloch em que “o melhor da religião é ela criar hereges” e que “só um bom ateu pode ser um bom cristão, só um bom cristão pode ser um bom ateu”. A sua vida e a sua obra foram uma luta titânica com Deus num braço de ferro.



No seu romance *Caim*, Saramago recria a imagem violenta e sanguinária do Deus da Bíblia judaica, “um dos livros mais cheios de sangue da literatura mundial”, no dizer de Norbert Lohfink, um dos mais prestigiados biblistas do século XX. Imagem que continua nalguns textos da Bíblia cristã, onde Cristo é apresentado como vítima propiciatória para reconciliar a humanidade com Deus e que se repete no teólogo medieval Anselmo de Cantuária, que apresenta

Deus como dono de vidas e bens e como um senhor feudal, que trata os seus adoradores como se se tratasse de servos da gleba e exige o sacrifício do seu filho mais querido, Jesus Cristo, para reparar a ofensa infinita que a humanidade cometeu contra Deus”.

O Deus assassino de *Caim* continua presente em muitos dos rituais bélicos do nosso tempo: nos atentados terroristas cometidos por falsos crentes muçulmanos que em nome de Deus praticam a guerra santa contra os infiéis; nos dirigentes políticos auto qualificados como cristãos, que apelam a Deus para justificar o derramamento de sangue de inocentes em operações que têm o nome de Justiça Infinita ou Liberdade Duradoura; em políticos israelitas que, julgando-se o povo escolhido de Deus e únicos proprietários da terra que qualificam como “prometida”, levam a cabo operações de destruição em massa de territórios, erguem muros carcerários e perpetuam assassinios, calculados impunemente, de milhares de palestinianos.

Depois destas operações, Saramago não podia senão estar de acordo com o testemunho do filósofo judeu Martin Buber: “Deus é a palavra mais vilipendiada de todas as palavras humanas. Nenhuma tem sido tão manchada, tão mutilada... As gerações humanas fizeram cair sobre esta palavra o peso da sua vida angustiada, e oprimiram-na contra o chão. Jaz no pó e suporta o peso de todas elas. As gerações humanas, com os seus partidarismos religiosos, dilaceraram esta palavra. Mataram e deixaram-se matar por ela. Esta palavra tem as suas impressões digitais e o seu sangue... Os homens desenham um boneco qualquer e escrevem por baixo a palavra “Deus”. Assassina-se uns aos outros e dizem: “fazemo-lo em nome de Deus”... Devemos respeitar os que proíbem esta palavra, porque se revoltam contra a injustiça e os excessos que com tanta facilidade se cometem com uma suposta autorização de “Deus”. Eu também ponho a minha rubrica por baixo desta afirmação de Buber. Por isso muito raramente ousou pronunciar o nome de Deus.

A luta contra os fundamentalismos, os religiosos e os políticos, é o melhor antídoto contra o Deus violento e contra a violência em nome de Deus. Saramago esteve comprometido nessa luta não violenta de pensamento, palavra e obra.

Efetivamente, a vida e a obra de Saramago foram uma permanente luta titânica com-contra Deus. Como fora a do Job bíblico – “o Prometeu hebraico”, para Bloch -, que maldiz o dia em que nasceu, sente nojo da sua vida e ousa perguntar a Deus, em tom desafiante, porque é que o ataca tão violentamente, porque é que o oprime de maneira tão desumana e porque é que o destrói sem piedade (Job, 10). Ou como o patriarca Jacob, que passou uma noite inteira num braço de ferro com Deus e acabou com o nervo ciático ferido (Gênesis 32, 23-33). Não é o caso de Saramago, que saiu incólume das brigas com Deus e nunca se deu por vencido e que aos seus 87 anos continuou, em *Caim*, a perguntar-se e a perguntar aos teólogos e crentes que diabo de Deus é este que, para enaltecer Abel, tem de desprezar Caim.

Familiarizado com a Bíblia, a judaica e a cristã, recria com humor, um humor iconoclasta do divino e desestabilizador do humano, algumas das suas figuras mais emblemáticas e desmente as histórias com que, segundo León Felipe, “embalaram o berço do homem” (sic). Fê-lo em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, romance que apresenta Jesus de Nazaré como um homem que vive, ama e morre como qualquer outra pessoa e a quem Deus escolhe como elo de um imenso movimento estratégico e como vítima de um poder que o ultrapassa e acerca do qual nada pode fazer.



Voltou a fazê-lo no romance já citado, *Caim*, onde recria literária e teologicamente o mito bíblico, que vai buscar as suas imagens e símbolos às tradições mais antigas sobre as origens da humanidade. A Bíblia apresenta Caim como o assassino do seu irmão Abel, impellido pela inveja, e Deus, como “perdoa-vidas”. Saramago inverte os

papéis do bom e do mau, do assassino e do juiz. Responsabiliza deus, o senhor (sempre com minúscula) pela morte de Abel e acusa-o de ser rancoroso, arbitrário e enlouquecedor das pessoas. Caim mata o seu irmão não arbitrariamente, mas sim em legítima defesa, porque deus o tinha preterido em seu favor. E mata-o porque não pode matar deus. Partilhe-se ou não da leitura que Saramago faz da Bíblia judaica, creio que temos de estar de acordo com ele em que “a história dos homens é a história dos seus desencontros com deus, nem ele nos entende a nós, nem nós o entendemos a ele”. Excelente lição de contra-teologia em tempos de fundamentalismos religiosos!

Qualquer que tenha sido a responsabilidade de Caim ou de Deus na morte de Abel, fica de pé a pergunta que hoje continua tão viva como então ou mais e que apela à responsabilidade da humanidade na atual desordem mundial, nas guerras e nas fomes que assolam o nosso planeta: “Onde está o teu irmão?” (Gênesis 4, 9). E a resposta não pode ser um evasivo “Não sei. Acaso sou guarda de meu irmão?”, mas sim, continuando com a Bíblia, a parábola evangélica do Bom Samaritano, que demonstra compaixão para com uma pessoa maltratada, e que é religiosamente sua adversária. Excelente lição de ética solidária nestes tempos em que a ética está submetida ao assédio do mercado!

**Juan José Tamayo**  
**Diretor da Cátedra de Teologia e Ciências das Religiões**  
**Universidade Carlos III de Madrid**

**Tradução de Artur Guerra**

# Saramago

A semente e os frutos



Exposição patente na sede da Fundação José Saramago, na Casa dos Bicos

De 2.<sup>a</sup> a 6.<sup>a</sup> feira, das 10 às 18 Horas  
Sábados, das 10 às 14 Horas

Fotografia: Helena Gonçalves

# Agenda

## PHotoEspaña 12

6 de junho a 22 de julho. Espalhadas por toda a cidade, 70 exposições assinalam os quinze anos do Festival Internacional de Fotografia e Artes Visuais de Madrid.

<http://www.phe.es/>

## El Especulador, de Honoré de Balzac

2 de junho a 2 de agosto. Direção de Francisco Javier. Teatro San Martín, Buenos Aires.

<http://www.complejoteatral.gov.ar/>

## Festival Silêncio - Ler Saramago

30 de junho, 18 horas. Leitura de poemas de José Saramago aberta ao público, ao ar livre junto à Casa dos Bicos.

30 de junho, 19 horas, “É tão fundo o silêncio”, no Auditório da Casa dos Bicos, com a participação de Anabela Mota Ribeiro, Nuno Júdice e Miguel Gonçalves Mendes.

<http://www.festivalsilencio.com/2012/category.php?id=9>

<http://www.festivalsilencio.com/2012/post.php?id=35>

## Type in Motion

Até 23 de setembro. Exposição criada pelo Museu do Design de Zurique, integrando o trabalho de mais de 80 designers.

Fundación Barrié de la Maza, A Coruña.

<http://www.fundacionbarrie.org/>

## Locus Solus. Impressões de Raymond Roussel

Até 1 de julho. Exposição sobre a figura do poeta, dramaturgo e romancista francês Raymond Roussel. Fundação Serralves, Porto.

<http://www.serralves.pt/>

## Góngora. La estrella inextinguible

Até 19 de agosto. Exposição sobre o poeta Luis de Góngora. Biblioteca Nacional de España, Madrid.

<http://www.bne.es/>

## Estranhamente Possível

Até 22 de julho. Exposição dos artistas brasileiros Dias&Riedweg. Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador.

<http://www.mam.ba.gov.br/>

## 40 Años – Museo de la Solidariedad Por Chile

Até 29 de julho. Exposição coletiva comemorativa dos 40 anos do Museo de la Solidariedad Salvador Allende. Santiago do Chile.

<http://www.mssa.cl/>

## III Feria del Libro Independiente

Até 8 de julho. Cidade do México.

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100001075125739>



Futuro Próximo / Next Future: Festa da Literatura e do  
Pensamento do Norte de África

Seminários, debates, exposições, cinema. Fundação Calouste  
Gulbenkian, Lisboa.

*<http://www.proximofuturo.gulbenkian.pt/licoes/festa-da-literatura-e-do-pensamento-do-norte-de-africa>*

**BLIMUNDA**

